UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Curso de Psicologia

VANESSA BATISTA DA CRUZ

O TRABALHO DOCENTE: DO ESTRESSE OCUPACIONAL AO BURNOUT ANALISADAS A PARTIR DO FILME CARREGADORAS DE SONHOS

São Paulo
2011

VANESSA BATISTA DA CRUZ - RA: 003200600365

O TRABALHO DOCENTE: DO ESTRESSE OCUPACIONAL AO BURNOUT ANALISADAS A PARTIR DO FILME CARREGADORAS DE SONHOS

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Psicologia da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do Título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Oswaldo Morello Filho.

São Paulo
2011

VANESSA BATISTA DA CRUZ

O TRABALHO DOCENTE: DO ESTRESSE OCUPACIONAL AO BURNOUT ANALISADAS A PARTIR DO FILME CARREGADORAS DE SONHOS

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pelo curso de Psicologia da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do Título de Psicólogo.

Data de aprovação: ___/___/_____

Banca examinadora:

_____

Profº. Me. Oswaldo Morello Filho (Orientador)

Universidade São Francisco

_____

Profº. Esp. Jan Luiz Leonardi (Examinador)

Universidade São Francisco

Dedico este trabalho a todos os professores deste país pelo amor e dedicação com que exercem sua profissão.

AGRADECIMENTOS

Quero primeiramente agradecer a Deus pela minha existência e por nunca ter me abandonado em um só momento da minha vida.

Ao meu orientador Prof. Me. Oswaldo Morello pelo apoio e confiança durante toda a minha pesquisa.

A minha mãe Darcy por existir em minha vida, por toda dedicação por estar sempre ao meu lado em todos os momentos me apoiando.

Ao meu pai Eronite, por me ensinar valores indispensáveis como o amor incondicional, a fé, honestidade, responsabilidade e perseverança.

Aos meus irmãos Nivaldo, Levino, Edimilson e Regiane pelo amor, carinho e por acreditarem no meu potencial.

Ao meu namorado, amigo e companheiro Carlos Alexandre por fazer parte da minha vida, por me apoiar sempre em todas as minhas decisões.

Em especial a minha filha Beatriz por tê-la privado muitas vezes da minha companhia e mesmo tão pequena tentar compreender a minha ausência para que eu pudesse concluir a minha caminhada.

Aos meus colegas de faculdade Marines, Miriam, Cleonice, Ricardo de Moura, Luis Ricardo, Debora Medeiros, Ivani.

Aos meus colegas de orientação de TCC Priscila, Rosane, Ana Letícia, Elisângela, Janaina, Thiagna, Sérgio e Wilson.

Em especial a minha querida amiga Maria Cristina pelos conselhos pela sua escuta e acolhimento. Infelizmente não está aqui neste momento especial, mas se Deus quiser logo estará.

Ao Deivison Fiuza, escritor e diretor do filme “Carregadoras de Sonhos” por ter me disponibilizado o filme.

À Universidade São Francisco pela oportunidade de crescimento pessoal e profissional por meio da formação acadêmica.

A todos aqueles que indiretamente contribuíram para que este estudo fosse concretizado.

O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade com que acontecem, por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.

Fernando Pessoa

RESUMO

Muito se fala sobre estresse, que vem sendo caracterizado como doença do século XXI. A globalização e as transformações no mundo do trabalho provocaram mudanças significativas no contexto de trabalho das diversas categorias profissionais e com os professores não foi diferente. O estado em que atualmente se encontra o trabalho na escola, particularmente o trabalho dos professores, tem chamado a atenção para um aumento de adoecimentos advindos de tal prática profissional. Desta forma, com base nestes dados a presente pesquisa teve por objetivo verificar através do filme "carregadoras de sonhos" fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do Estresse Ocupacional até a síndrome de *Burnout* nos professores do ensino público. Procurou-se, portanto, responder a seguinte pergunta de pesquisa: As atividades desempenhadas pelos professores no contexto escolar podem ser potencializadoras ao desenvolvimento do Estresse Ocupacional e até mesmo *Burnout*? A hipótese é que os professores do ensino público estão sujeitos a condições de trabalho que os expõem a cargas que ao longo do tempo podem levar a um desgaste de suas capacidades vitais. Para construção deste trabalho, foram analisadas algumas cenas e imagens mais relevantes do filme, assistiu-se ao filme de forma atenta e por diversas vezes, correlacionaram-se as cenas e os trechos com os aspectos teóricos e compreendeu-se e interpretou os dados obtidos do filme, com base nas literaturas pesquisadas em livros e sites científicos. Os resultados apontam que são muitas as situações estressantes na qual os professores estão expostos em seu ambiente de trabalho. As protagonistas do filme mostraram-se muito idealistas. Segundo alguns teóricos, pessoas idealistas são mais propensas a desenvolver Estresse Ocupacional e Síndrome de *Burnout.* A pesquisa mostrou também que aos professores são atribuídas muitas responsabilidades, que estas somadas a outros fatores como baixa remuneração, ambiguidades de papéis, infraestrutura precária, falta de materiais pedagógicos e falta de qualificação profissional podem levá-los a desenvolver doenças ocupacionais. Sendo assim, conclui-se que professores do ensino público estão sujeitos a condições de trabalho que podem levá-los a desenvolver Estresse Ocupacional e até mesmo síndrome de *Burnout.* A partir destas informações pensamos ser de extrema importância que sejam criados projetos de prevenção e intervenção, tanto em nível de políticas públicas, quanto em nível de ações conjuntas entre profissionais da saúde, professores, alunos, instituição e sociedade, para que juntos possam pensar e refletir sobre possíveis medidas a serem tomadas a fim de minimizar os danos a saúde advindas da prática profissional do docente.

Palavras chave: transformações no mundo do trabalho. trabalho docente. condições de trabalho. estresse ocupacional. síndrome de *Burnout*.

ABSTRACT

Much is said on estresse, that it comes being characterized as illness of century XXI. The globalization and the transformations in the world of the work had provoked significant changes in the context of work of the diverse professional categories and with the professors it was not different. The state where currently the work in the school meets, particularly the work of the professors, has called the attention for an increase illnesses arising out of such professional practice. In such a way, on the basis of these data the present research had for objective to verify through the film "loaders of dreams" factors that they determine or they contribute for the occurrence of the Occupational Estresse until the syndrome of Burnout in the public school professors. It was looked, therefore, to answer the following question of research: The activities performed by teachers in the school context can be potentiating to the development of stress and until same Burnout? The hypothesis Is That the teachers public education to are subject working conditions that expose them to workloads that over time can lead to an erosion of their skills vital .For construction of this work, Were Analyzed some images and scenes more relevant of the film,witnessed-if to film of careful form and for diverse times, were correlated the scenes and the stretches with the theoretical aspects that understood-if and interpreted the gotten data of the film, on the basis of literatures searched in books and scientific sites. The results point are that many the situations stressful that professors are exposed in its environment of work. The protagonists of the film were shown-if very idealistic. According some theoreticians, idealistic people are more prone to develop Occupational Estresse and Syndrome of Burnout. The research showed also that to teacher are attributed many to responsabilities, that these added with other factors such as low renumbering ,ambiguity of paper, poor infrastructure, lack of teaching materials and lack of professional qualification may lead them to develop diseases occupational. Being thus, one concludes that professors of public education are citizens the work conditions that can take them to develop Occupational Estresse and until same syndrome of Burnout. From these information we think to be of extreme importance that are created projects of prevention and intervention, as much in level of public politics, how much in level of joint actions between professionals of the health, professors, pupils, institution and society, so that together can think and reflect o n possible measured to be taken in order to minimize damage to health arising from the professional practice of teachers.

Key words: transformations in the world of work. teaching. conditions of work. occupational stress. Burnout syndrome.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 09
1 CARREGADORAS DE SONHOS..... 12
2 TRANSFORMAÇÕES DO MUNDO DO TRABALHO..... 14
3 A ESCOLA: Breve História..... 19
3.1 O Trabalho do Professor..... 21
4 ESTRESSE OCUPACIONAL..... 26
4.1 Síndrome de Burnout..... 30
4.1.1 Identificando a Síndrome de Burnout..... 35
5 OBJETIVOS..... 42
5.1 Objetivo Geral..... 42
5.2 Objetivos Específicos..... 42
6 MÉTODO..... 44
6.1 Sujeitos..... 44
6.2 Instrumentos..... 44
6.3 Procedimentos..... 45
7 DISCUSSÃO..... 46
CONCLUSÃO..... 66
REFERÊNCIAS..... 69

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem caráter exploratório, seguido por um pensamento dedutivo e fundamentado por pesquisa bibliográfica apresentando como preocupação central o estudo do Estresse Ocupacional até a Síndrome de *Burnout* na prática docente, por meio do filme "Carregadoras de Sonhos", que apresenta contextos do cotidiano escolar em algumas instituições de ensino público localizadas no Estado de Sergipe. O filme apresenta temas problemáticos nos depoimentos de diversos profissionais educadores, como: situações conflitantes na prática docente, estresse ocupacional, falta de estrutura e suporte técnico e precariedade das condições físicas, didáticas e pedagógicas das escolas, dentre outras.

O interesse por este tema surgiu a partir do questionamento acerca do alto número de afastamento dos professores de seu trabalho e suas possíveis implicações na atuação do profissional educador. Segundo Gasparini, Barreto e Assunção (2005) em uma pesquisa realizada entre 2001 e 2002, mostrou que dos profissionais da educação que procuraram serviço médico e passaram por perícia médica, 92% (15.243) dos atendimentos provocaram afastamento do trabalho. Tal questionamento propõe que a escola em seu aspecto mais amplo seja o lugar excepcional de atuação profissional, visto que a escola é o primeiro espaço de socialização, de aquisição de conhecimentos, bem como do ensino e da aprendizagem de valores e condutas. Seu papel chega a ser político na história da sociedade, pois é a partir da escola que ocorre a inserção na cultura, e nesse contexto, a figura do profissional da educação toma contorno da pedra fundamental na construção do coletivo, o que o permeia de imensa "responsabilidade" e o reveste com intensa "cobrança".

O objetivo principal deste trabalho é analisar situações conflitantes que configurem aspectos de fatores estressantes no ambiente escolar do ensino público por meio do filme "Carregadoras de Sonhos", analisando a psicodinâmica das relações profissionais e buscando compreender as diferentes "situações-problema" que possam configurar a Síndrome de *Burnout* na prática docente.

Temos como problema de pesquisa se as atividades desempenhadas pelos professores no contexto escolar podem ser potencializadoras ao desenvolvimento do Estresse ocupacional e até mesmo *Burnout*. E para responder ou não nosso problema de pesquisa, temos a seguinte hipótese: Pode se dizer que os professores do ensino público estão sujeitos a condições de

trabalho que os expõem a cargas que ao longo do tempo podem levar a um desgaste de suas capacidades vitais?

Procuramos, através deste trabalho, contribuir para o acréscimo científico sobre o tema, visto que é crescente o número de professores que apresentam Estresse Ocupacional e chegam a desenvolver a Síndrome de *Burnout*, bem como expandir o conhecimento e prática pessoais, demonstradas no interesse particular sobre o assunto. Pois a profissão do docente é complexa e envolve diversos fatores que na perspectiva do nosso atual contexto, se percebeu uma forte corrente de pensamento que sobrecarrega os educadores com atividades que talvez estimulem a descrença e o questionamento no processo educacional e acerca da própria competência.

Dentro de sua importância, entendemos haver aspectos de relevância psicológica e social, o que possibilita pensar alternativas na realização e execução do trabalho docente atual, bem como oferecer uma reflexão crítica acerca do trabalho do educador.

A escolha do filme se justifica em razão do filme ter um caráter mais de documentário, pois é um filme real e não fictício no qual mostra a rotina de trabalho concreta dos professores.

Em novembro de 2008, o SINTESE, durante o seu XII, (CNTE) Congresso Estadual dos Trabalhadores em Educação, realizou uma pesquisa qualitativa para traçar um perfil das condições de trabalho dos professores no estado de Sergipe. Esta pesquisa dividiu-se em etapas de aplicação de questionário e entrevista com os professores nas escolas, e contemplaram diversos aspectos sobre a vida dos professores do estado, o cotidiano, lutas e dificuldades. Nisso, o SINTESE partiu para a execução de um projeto de apresentar ao público como se comporta essa parcela do serviço público. O lançamento oficial do filme ocorreu no dia 8 de março de 2010 no Teatro Tobias Barreto. (SINTESE, 2008).

O presente trabalho será dividido em 04 (quatro) capítulos que enfocam pontos relevantes do tema relacionando-os com filme escolhido. No primeiro capítulo será apresentado um resumo do filme “Carregadoras de Sonhos” com o propósito de contextualizarmos os respectivos temas a serem abordados, oferecendo algumas descrições sobre personagens e situações escolares que partem desde a locação da sala de aula até a responsabilidade do professor sobre seus educandos.

No segundo capítulo será abordado o trabalho em sua perspectiva “globalizada”, observando as nuances da transformação através das revoluções estruturais, tecnológicas e econômicas até a contemporaneidade procurando demonstrar o crescimento de demanda

operacional, o que origina um número cada vez maior de cobranças e exigências em prol da produção acelerada e suas conseqüências.

O terceiro capítulo apresentará um pouco sobre a história da escola, como se deu a constituição da mesma e logo em seguida apresentaremos o subcapítulo 3.1 que irá trazer o papel do profissional educador, fazendo uma reflexão sobre os modelos educacionais e posicionando o professor no papel central do processo educativo. Que ao mesmo tempo em que capta e inter-relaciona experiências entre seus educandos, necessita a todo o momento de aprender e se desenvolver, buscando adaptar-se ao contexto devido à crescente demanda operacional.

No quarto capítulo procurar-se-á compreender um pouco mais sobre o fenômeno do Estresse Ocupacional na atuação do profissional, observando sua ocorrência dado à cobrança contínua pela resolução de problemas e à sua crescente expansão devido às dificuldades do profissional educador para perceber, refletir e agir em benefício da própria saúde.

Dentro do subcapítulo 4.1, apresentaremos algumas descrições acerca da Síndrome de *Burnout*, observando algumas conceituações de autores distintos, como forma de compreender e identificar através de uma perspectiva mais ampla a complexidade da problemática.

Por fim, o diagnóstico da Síndrome de *Burnout* será abordado no subcapítulo 4.1.1, nos oferecendo substrato para melhor compreensão da problemática, observando a dificuldade de identificação sintomatológica e buscando relacionar aos fatores externos, psicológicos e comportamentais e auxiliando na identificação das implicações físicas, pessoais, no trabalho, sociais e organizacionais.

1“CARREGADORAS DE SONHOS”

Carregadoras de Sonhos é um filme longa-metragem que mistura realismo e poesia e tem como tema principal a educação. O filme mostra o dia a dia de trabalho de quatro profissionais do magistério e, além de ser um filme real e abordar aspectos estruturais relacionados à educação, também apresenta uma análise do sistema educacional feita pelas próprias professoras.

O filme mostra a vida real de quatro educadoras da rede pública do estado de Sergipe, essas professoras são as protagonistas Edielma, Marailza, Marta e Rose. O filme inicia acompanhando a rotina das professoras já cedo, sendo que muitas se levantam às 5h para enfrentar uma verdadeira jornada até chegar à escola e narra o dia-a-dia das quatro professoras, mostrando suas lutas, suas dificuldades e a perseverança em continuar no magistério. A saúde do trabalhador, o transporte público e a estrutura das escolas públicas são alguns dos vários temas tratados no filme.

Mesmo com a grande dedicação mostrada pelas professoras no seu cotidiano elas têm clareza que o magistério não é um sacerdócio. Como em um relato da professora Marta: “É preciso acabar com esta idéia de que magistério é sacerdócio, com essa mania de ver histórias como as nossas e dizer ‘quando quer, faz’. Isso é injusto. Professor precisa ganhar bem, precisa ter qualidade de vida, precisa continuar estudando”.

O filme é apresentado através de um modelo que não tem a entrevista como elemento principal de sua narrativa, mas contempla os discursos e queixas das profissionais, além de mostrar as professoras em ação.

Os relatos descrevem uma série de situações e condições que fazem parte da prática profissional e que são conflitantes tanto com a demanda das comunidades atendidas quanto dos próprios docentes que sofrem com situações de descaso e precariedade no exercício de seu ofício.

Dentre as queixas apresentadas, o filme retrata a dificuldade em que a maioria dos professores não trabalha na mesma cidade onde mora e os tipos de transportes mais usados são: pau-de-arara, motocicleta, táxi, vans, ônibus coletivo e caronas, além dos que chegam a percorrer 20km a pé para poder chegar à sala de aula, todos os dias. Sendo que alguns sequer podem voltar para casa no final da jornada, como é o caso da professora Marta, que percorre

800km por semana em cima de uma motocicleta, passando por riachos e estradas em péssimas condições de tráfego. Devido à distância, só retorna para sua casa na sexta-feira à noite.

O filme apresenta também situações em que muitas professoras não têm tempo de fazer as refeições nos horários corretos e que boa parte delas sequer faz as refeições, passando o dia à base de lanches, frutas e biscoitos (muitos outros até são classificados como professores bóias-frias). Pois saem muito cedo de casa e só retornam no final do dia, por isso levam suas marmitas para comer na escola, sem condições de aquecimento e consumindo o alimento frio.

2 TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO

No século em que estamos vivendo, o local de trabalho já não é mais o mesmo de antes. O capitalismo, a globalização e os avanços tecnológicos provocaram mudanças significativas no mundo do trabalho. No mundo globalizado houve um aumento da competição entre as organizações. (GOULART, 2002).

Duas décadas atrás poucos trabalhadores utilizavam computador, internet, e-mail, celular e tantas coisas que fazem parte do nosso cotidiano. O trabalhador do século XXI teve que acompanhar essa evolução tecnológica, se adequando à nova economia e muitos acabaram pagando um preço muito alto por isso.

O trabalho sempre fez parte da vida dos seres humanos e tornou-se muito importante na vida social do sujeito, pois grande parte de sua vida é dedicada a esse processo e, por vezes, passa até mais tempo no ofício do que usufruindo de momentos de lazer ou descanso.

Foi através dele que as civilizações conseguiram se desenvolver e alcançar o nível atual gerando diversos conhecimentos, riquezas materiais, satisfação pessoal e desenvolvimento econômico (SAINT-JEAN; THERRIAULT, 2007).

Segundo o dicionário Aurélio (2001) as definições para trabalho refere-se à: aplicação de atividade; serviço; esforço; ação ou resultado da ação de esforço individual ou de grupo.

O dicionário Merriam-Webster (2005 *apud* SAINT-JEAN, M.; THERRIAULT, 2007, p.10) descreve trabalho como “uma atividade na qual alguém usa a força ou as faculdades para fazer ou desempenhar alguma coisa”. O mesmo dicionário oferece um segundo significado da palavra “trabalho” em termos de “labor, tarefa ou obrigação que são os meios usuais de sustento ou provisão de alguém”.

Marx (1982) diz que trabalho é um ato ligado ao ser humano por natureza. Ele permite a elaboração de um mundo de objetos úteis e concretos, mas também favorece a interação entre as pessoas que estão em evolução dentro e fora de suas atividades profissionais.

Um fator muito importante que ocorreu no final do século XVIII e início do século XIX e que transformou o mundo do trabalho foi o estabelecimento definitivo do capitalismo. Este acontecimento transformou os homens em trabalhadores, considerando-os livres para vender sua força de trabalho. No século XX, durante o período de guerra, foi a época em que o capitalismo viveu sua maior expansão. Segundo Goulart (2002), esta “liberdade” se revelou

limitada, o capital fixava um preço a ser pago á dominação capitalista e exploração de mão de obra.

Tal expansão provocou diversas mudanças ao longo da história e as organizações também passaram por muitas transformações. Chiavenato (2000) cita que no decorrer do século XX, as organizações passaram por três fases distintas:

A Era da Industrialização clássica: período entre 1900 e 1950, onde ocorreu uma intensificação da industrialização que começou com a Revolução Industrial. A cultura organizacional que prevalecia era voltada para o passado e para a conservação das tradições. As pessoas eram consideradas recursos de produção.

A Era da Industrialização Neoclássica: durou de 1950 a 1990, iniciou com o final da Segunda Guerra Mundial. As mudanças ocorreram de forma mais rápida. Geograficamente as transações comerciais atingiram um grau maior, as competições entre as empresas aumentaram. A tradição da cultura organizacional deixou de ser privilegiada e passou a valorizar o presente. Os trabalhadores passaram a ser vistos como recursos vivos e não como seres sem atividade própria.

A Era da Informação: teve início em 1990, é a época em que estamos vivendo atualmente. O que caracteriza muito bem está época são as mudanças rápidas e inesperadas. Nesta era aconteceu uma junção global entre países, foi então que surgiu a tecnologia da informação provocando o aparecimento da globalização da economia, ou seja, a economia internacional passou a ser a economia mundial e global.

A globalização da economia teve início com o processo de internacionalização do capital, no fim do século XX, mas o seu maior impulso ocorreu no término da segunda guerra mundial, momento em que empresas multinacionais ganharam importância se integrando ao mundo em uma rede de novas relações. (GOULART, 2002).

Para Goulart (2002), as mudanças estruturais, tecnológicas e econômicas determinaram o surgimento do que se costuma chamar “a nova ordem internacional” cujas principais características são: a globalização da nova economia, e a reestruturação do trabalho. A partir da Revolução Industrial no final do século XVIII, houve grandes transformações sociais e no mundo do trabalho.

A partir dos anos setenta a chamada Terceira Revolução industrial mudou novamente o cenário do mundo do trabalho. As relações entre a globalização da economia e o desenvolvimento tecnológico tornaram-se fatores desta nova configuração. Goulart (2002) menciona que:

> A absorção do progresso tecnológico é responsável pelo fortalecimento das grandes empresas, que puderam adquirir as inovações e expandiram-se além das fronteiras de sua origem. A difusão da informação, por sua vez, tornou o mundo menor, permitindo que em qualquer parte do planeta se pudesse tomar conhecimento e até mesmo participar do ocorrido nos mais distantes lugares. (GOULART, 2002 p.19).

A década de 1990 foi o período em que a globalização exerceu seus maiores efeitos sobre todo o mundo. Nesse período, as transformações econômicas, tecnológicas e sociais já ocorridas na história da humanidade aconteceram de forma mais rápida. A nova fonte de competitividade passou a ser o conhecimento, nesse período de revolução nas tecnologias de informação. A nova matéria prima é o conhecimento, e na medida em que ele é aplicado a produtos, empresas e negócios como um todo, tudo muda e se transforma. (GOULART, 2002).

Houve uma reestruturação do trabalho, o componente manual deu lugar ao componente intelectual do trabalho e com isso as empresas passaram a requerer uma maior qualificação profissional de seus colaboradores. No Brasil, por exemplo, até para exercer uma função mais simples é exigido escolaridade básica, isto é, pelo menos oito anos de escolarização regular. (GOULART, 2002).

Neste sentido, os sujeitos, seus conhecimentos e suas habilidades mentais passaram a ser a principal base da nova organização, deixando de ser simples recursos humanos para serem contemplados pelo mercado de trabalho como seres dotados de inteligência, conhecimentos, habilidades, personalidades, etc.

Os autores Chiavenato (2000) e Cabistani (2000) discorrem sobre o que hoje é cobrado dos profissionais a partir das mudanças que ocorreram. Atualmente, a sociedade segue um novo modelo de gestão de pessoas, no qual os sujeitos trabalham coletivamente, e tal modelo sugere que seus colaboradores devem saber se relacionar com outros sujeitos e serem proativos. Com base nisso, a moeda do futuro não será mais financeira, mas sim o capital intelectual. (CHIAVENATO, 2000)

Cabistani (2000) reforça a citação acima e nos diz que dentro da filosofia do atual modelo produtivo, é preciso contar com pessoas inteligentes, criativas, com iniciativa, liderança, entre outros atributos e tenha disponibilidade ilimitada para o trabalho e que ainda possa compartilhar os seus momentos raros de descanso e lazer com os colegas, ou seja, com a empresa. A autora faz uma crítica a esse sistema produtivo, dizendo que esse novo sistema deve assumir responsabilidades pelos “monstros” que vem criando.

Ao observarmos o fluxo de nossa contemporaneidade, percebe-se como o sujeito precisa atentar-se constantemente às mudanças adequando-se ao mercado, pois sua condição sempre será de incerteza sobre sua permanência no trabalho.

Dessa forma, o sujeito se coloca à disposição das demandas advindas do trabalho que exigem sempre a maior produtividade, num processo de eliminação de falhas e uma busca incessante da, assim chamada, perfeição. Como consequência, todas estas transformações nas relações dos sujeitos com o trabalho não deixaram impune a saúde dos trabalhadores.

Para Marx (1969 *apud* MERLO, 2000, p.271) antigamente durante a etapa da manufatura havia uma divisão do trabalho, o sujeito repetia a mesma tarefa por horas, dias, meses e a intenção era não perder tempo na transição de uma etapa para outra na execução do trabalho para não ter decréscimo da produtividade. De fato, realmente houve maior produtividade, entretanto, em conseqüência deste trabalho repetitivo e intensificado já se percebia as consequências para a saúde do trabalhador.

Este modelo industrial é traduzido como método taylorista e as organizações de método taylorista sempre serão sinônimos de agressão mental, pois no taylorismo a própria organização do trabalho é a principal fonte de agressão a saúde do trabalhador.

Segundo Teiger (1980 *apud* MERLO, 2000, p.274) a rigidez do taylorismo no qual não está previsto nenhum tipo de iniciativa por parte do trabalhador deixa "marcas" do trabalho que aparecem sob a forma de modificações de conduta no espaço fora do trabalho, de sofrimento psíquico ou mesmo de doenças físicas. Merlo (2000) completa:

> Há em primeiro lugar, o sofrimento dos que trabalham em todas as atividades não reestruturadas, isto é, taylorizadas, fordizadas. Mas há, também, o sofrimento dos que têm medo de não serem capazes de manter uma performance adequada no trabalho e de não estarem á altura das exigências das novas organizações do trabalho: exigências de tempo, de cadência, de formação, de informação, de aprendizagem, de nível de conhecimento e diploma, de experiência, de rapidez de aquisição intelectual e prática, de adaptação á "cultura" ou a ideologia da empresa, ás exigências do mercado, etc. (MERLO, 2000, p.276 -277).

Ainda para Merlo (2000) é importante lembrar que a realidade da grande maioria das organizações do trabalho que estão a nossa volta, falando especificamente da realidade brasileira, são organizações absolutamente taylorizadas/fordizadas, no qual o ambiente de trabalho é insalubre, perigoso, sem nenhum respeito pela legislação de saúde e segurança do trabalhador e este não tem as mínimas possibilidades de opor-se a elas.

Um exemplo claro desta realidade é contemplado já dentro da escola que, apesar de ser o ponto inicial de formação do sujeito, ainda mantém um modelo de organização

retrógrado e contraditório frente às demandas da atualidade. Por conta da globalização e dos avanços tecnológicos, aconteceram diversas mudanças que refletiram na reestruturação e reforma dos sistemas educativos, afetando o quadro docente, o trabalho que desempenham e as relações profissionais e sociais, gerando um aumento das responsabilidades e exigências sobre os educadores.

Devido a essas transformações que ocorreram, o papel do professor tem se modificado na tentativa de atender ás expectativas e necessidades da sociedade atual. As transformações ocorridas, segundo Esteve (1999), estima um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se disponibilizam a responder ás novas expectativas projetadas sobre eles. Segundo Esteve (1999), talvez a mais relevante modificação que tem ocorrido no papel do professor está ligado ao "avanço contínuo do saber". Assumir as novas funções que o contexto social exige dos professores requer domínio de uma ampla série de habilidades pessoais que não podem ser limitadas ao âmbito da acumulação do conhecimento.

Para Gomes e Brito (2006) É exigido que os profissionais de educação dentro de um sistema de massa, ainda baseado na competitividade ofereçam qualidade de ensino, entretanto os recursos materiais e humanos são cada vez mais precarizados, baixos salários, aumento das funções dos professores, contribuindo assim para um esgotamento e uma contradição quanto a formação que é oferecida.

No capítulo seguinte faremos uma pequena introdução apresentando brevemente um pouco da história da constituição da escola e logo em seguida falaremos sobre o trabalho do professor que aparece como ponto central na formação e manutenção do progresso "globalizado", pois está ligada às necessidades de hábitos civilizados, que correspondem à vida nas cidades, bem como ao papel político da educação escolar enquanto formação do cidadão. (SAVIANI, 1996).

3 A ESCOLA; BREVE HISTÓRIA

O modelo de escola ao qual admitimos atualmente se instituiu entre meados do século XV e utilizava uma série de procedimentos e técnicas que visavam o controle, correção, disciplina e meios de medir os indivíduos, tornando-os mais dóceis e úteis, buscando como propósito principal disciplinar crianças e jovens para as transformações advindas da modernidade. (COSTA, 1995).

Mesmo este sendo um processo que se constituiu como um procedimento de "impregnação cultural", a transformação para o atual modelo de escolarização veio a se desenvolver consideravelmente por volta do século XVI. Período em que a igreja servia de base tutelar às escolas estabelecidas, buscando ampliar para a população a instrumentalização necessária acerca da leitura das escrituras sagradas. (KRENTZ, 1986)

A escola tinha como proposta uma prática educativa caracterizada pela "transmissão dos conhecimentos acumulados", sendo considerada como "catequética e unificadora", pois abarcava uma programação rígida e coercitiva, primando o objeto e o conhecimento, tornando o aluno apenas um depositário e conseqüentemente formando alunos passivos, produzindo cidadãos obedientes. (MIZUKAMI, 1986).

Com as mudanças advindas da Revolução Industrial desde o século XVII, se evidenciava um projeto de instrução pública que propunha um progresso material, intelectual e moral dos homens, seguindo o propósito de expandir a instrução das camadas menos favorecidas, a fim de preparar o sujeito para mundo do trabalho.

Ao longo dessa construção, a sociedade burguesa questionou a carência de uma mão de obra cada vez mais qualificada, gerando assim a necessidade de escolas adequadas e um sistema educacional que atendesse aos interesses sociais dessa época. A doutrinação ideológica transpôs então, a tutela religiosa, passando a buscar novos modelos de escola, visando a disciplina material, bem como a organização da experiência escolar, de forma que gerasse nos jovens hábitos e comportamentos mais adequados ás necessidades da indústria, ainda que correspondendo a um modelo rudimentar de organização dos processos produtivos da época. (ENGUITA, 1989).

Essa busca por novos aparelhos educacionais, tanto de racionalização administrativa quanto pedagógica que se mostraram necessários ao desenvolvimento da sociedade capitalista, principalmente referente aos processos de urbanização e industrialização,

sucederam através da escola graduada, sendo uma concepção cultural favorável à nação, o qual educava mais do que instruía, pois:

> [...] Ela reportava a uma clara concepção de ensino; educar pressupunha um compromisso com a formação integral da criança que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem da disciplina social – obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívicopatrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade. (SOUZA, 2006, p. 127).

Após uma profunda revisão na produção industrial, cuja parte mais evidente foram as idéias da gestão científica do trabalho (proposta pelo Taylorismo), as escolas buscaram se adequar a essa nova ordem. A partir daí, muitas outras questões se adicionam ao contexto da própria organização do trabalho docente, seja aumentando as responsabilidades e exigências projetadas sobre os educadores ou coincidindo com o processo histórico de uma rápida transformação do contexto social. Efeito esse que tem se traduzido em uma modificação constante do papel da escola e principalmente do professor. (CARLOTTO, 2002).

Moraes (2006) em seu livro *EDUCAÇÃO, pelo amor de Deus!* nos mostra que de acordo com uma pesquisa realizada em 22/08/2005 pela China, "China & India", Business Week, o Brasil possui hoje cerca de 556 mil escolas públicas para crianças e adolescentes. Ao lado disso, há dezenas de milhares de escolas privadas. Assim, cerca de 11 milhões de professores ensinam 218 milhões de alunos.

Entre os 40% mais pobres do mundo inteiro, o Brasil é um dos que pior cuidam da educação. Segundo o relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), apenas 46% dos mais pobres chegam a 5º série. Estamos á frente apenas de Camarões, Índia, Bangladesh, Paquistão, Guatemala, Marrocos e Haiti.

Ainda para Moraes (2006) no Brasil, faltam 250 mil professores para o ensino médio, o que nos parece insuportável. Outro dado relevante é que nos testes internacionais, nossos alunos se classificam em 72º lugar em um grupo de pouco mais de cem países.

Nesse sentido, são projetadas ao professor novas expectativas, sendo obrigado a desempenhar diversos papéis, bem como lhe exigem manter o equilíbrio em várias situações adversas, contudo, tais papéis e expectativas serão apresentados no subcapítulo que segue.

3.1 O Trabalho do Professor

O profissional educador sempre seguiu um papel de vanguarda em termos de cultura e civilidade, embora seus papéis exercidos sempre fossem fundamentados num determinado padrão de ação definido e imposto socialmente. Conquanto, mesmo que pouco se reconheça, o professor exerce uma função social altamente complexa, lutando pela sobrevivência da cultura e do saber, em condições nem sempre favoráveis e funcionando sempre como um facilitador no acesso a informações, que auxiliam o sujeito a conhecer o mundo e seus problemas.

Contudo, a categoria vem sofrendo uma forte exigência de novas posturas requeridas frente às complexas exigências emergentes da "sociedade pós-moderna" e o fato é que as modificações sociais das últimas décadas alteraram significativamente o perfil do profissional, das cobranças pessoais e do meio em relação à eficácia de sua atividade. (ESTEVE, 1999).

Exemplo claro desta realidade de cobranças nos é apresentada no próprio Regulamento da Profissão de Orientador Educacional, que demonstra a magnitude quanto ao campo de atuação e intervenção exigida do profissional. Segundo o Art. 8° do Decreto nº 72.846, são privativas do professor as seguintes atribuições:

a) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional em nível de:

1 – Escola;

2 – Comunidade.

b) Planejar e coordenar a implantação e funcionamento do Serviço de Orientação Educacional dos órgãos do Serviço Público Federal, Municipal e Autárquico; das Sociedades de Economia Mista Empresas Estatais, Paraestatais e Privadas.

c) Coordenar a orientação vocacional do educando, incorporando-o ao processo educativo global.

d) Coordenar o processo de sondagem de interesses, aptidões e habilidades do educando.

e) Coordenar o processo de informação educacional e profissional com vista à orientação vocacional.

f) Sistematizar o processo de intercâmbio das informações necessárias ao

conhecimento global do educando.

g) Sistematizar o processo de acompanhamento dos alunos, encaminhando a outros especialistas aqueles que exigirem assistência especial.

h) Coordenar o acompanhamento pós-escolar.

i) Ministrar disciplinas de Teoria e Prática da Orientação Educacional, satisfeitas as exigências da legislação específicas do ensino.

j) Supervisionar estágios na área da Orientação Educacional.

l) Emitir pareceres sobre matéria concernente à Orientação Educacional.

Art. 9º Compete, ainda, ao Orientador Educacional as seguintes atribuições:

a) Participar no processo de identificação das características básicas da comunidade;

b) Participar no processo de caracterização da clientela escolar;

c) Participar no processo de elaboração do currículo pleno da escola;

d) Participar na composição caracterização e acompanhamento de turmas e grupos;

e) Participar do processo de avaliação e recuperação dos alunos;

f) Participar do processo de encaminhamento dos alunos estagiários;

g) Participar no processo de integração escola-família-comunidade;

h) Realizar estudos e pesquisas na área da Orientação Educacional. (Decreto nº 72.846, de 26 de setembro de 1973).

No entanto, é preciso cautela ao examinar esse contexto profissional, pois mesmo exercendo uma prática regulamentada, parece ainda haver certa heterogeneidade dentro da categoria, com diferenças entre atribuições e funções, o que certamente acarreta uma diversidade de demandas e obstáculos ou mesmo de gratificações e recompensas.

O fato é que, mesmo com tais diferenças, a atuação deste profissional tem se tornado um emaranhado de obstáculos cada vez mais complexos, o que exige do educador maiores esforços e conhecimentos "multidisciplinares" para a manutenção e permanência de seu cargo. Esteve (1999) nos reforça ao citar que:

> "Assumir as novas funções que o contexto social exige dos professores supõe domínio de uma ampla série de habilidades pessoais que não podem ser reduzidas ao âmbito da acumulação do conhecimento". (ESTEVE, 1999, p.38).

Atualmente, parece haver uma exigência profissional de mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Porém, uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços

menos rígidos. No entanto, esse é "apenas um" dos diversos elementos que compõem a dramática relação de trabalho do docente, pois além de acolher os alunos, muitos educadores fazem trabalhos administrativos e de planejamento. Já em sua grande maioria, os profissionais buscam participar de reuniões pedagógicas e coordenação, seminários, reciclagem, conselhos de classe, preenchimento de relatórios, realizam processos de recuperação etc. (ESTEVE, 1999).

No outro extremo, está à própria necessidade de organizar a vida pessoal e conciliar com a demanda "problemática" da realidade social do ambiente de trabalho, ou seja, "o ambiente de ensino". Essa problemática é citada por Bzuneck (2000):

> Ensinar é uma função complexa e que implica num sem-número de obstáculos, reveses, fracassos e frustrações. Fontes de tantos impedimentos à eficácia do ensino são os próprios alunos, quando desmotivados, despreparados, com baixo rendimento, por vezes agrupados em turmas numerosas; são as famílias que não cooperam que não participam; é uma certa ausência de apoio de colegas; é a própria escola com seus vícios estruturais inveterados e, por fim, as falhas do próprio sistema em que ela se insere.(BZUNECK, 2000, p. 117).

Mesmo com todos esses reveses, parece ser muito difícil ao professor desistir de sua dedicação ao ensino, pois o trabalho educacional lhe propicia (ou deveria propiciar) outras recompensas, que não as financeiras.

Porém, toda essa gama de adversidades pode gerar uma tendência contrária ao "desenvolvimento" no trabalho, o que pode comprometer a habilidade profissional, afetar o contato e relacionamento com o corpo discente e docente, pessoal técnico administrativo, enfim, a organização institucional como um todo. Nisso surge uma nova problemática, pois toda essa carga de envolvimento afetivo acaba por desgastar o professor ao extremo, que pode vir a adoecer ou até mesmo desistir de sua profissão.

> A experiência diária de quem atua nesse contexto ou interage com professores e professoras de qualquer nível de ensino atesta como eles são afetados por condições objetivas tão adversa. Mesmo dotados de toda competência pedagógica exigida e dos conhecimentos pertinentes às suas matérias, eles sofrem freqüentes abalos em sua motivação para continuarem a envidar esforços em direção às grandes metas educacionais que devem atingir com suas classes. (BZUNECK, 2000 p.117).

A realidade contemporânea nos mostra que o trabalho docente geralmente é realizado sob alguns fatores potencialmente estressores como: baixos salários, escassez de recursos materiais e didáticos, classes superlotadas, tensão na relação com alunos, excesso de carga horária, pouca ou quase nenhuma participação no planejamento institucional e falta de

segurança no contexto escolar. Essas constantes transformações advindas do sistema educacional muitas vezes comprometem os profissionais, e também podem gerar sentimentos de mal-estar e impotência.

Parece haver um risco frente à exposição constante dos educadores aos efeitos negativos frequentemente apresentados na profissão do educador e compromete a personalidade do professor, o que pode gerar o que Gomes (2002) denomina como "mal-estar", sendo um complexo processo prejudicial às condições psicológicas e sociais do docente e que se principia no absenteísmo e culmina no abandono profissional.

Mesmo havendo riscos, parece que as práticas direcionadas à promoção da saúde dos docentes apresentam-se ainda insuficientes. Em exemplo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1998, é sugerida a incorporação da saúde como tema transversal no currículo escolar da Educação Básica, sem levar em consideração a saúde do professor.

Ainda que sejam assegurados direitos relativos às condições adequadas de trabalho, parece não condizer com a realidade, pois se constata um aumento crescente de licenças médicas e surgimento de doenças ocupacionais, como Estresse Ocupacional e a Síndrome de *Burnout*, conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional, diretamente relacionada ao trabalho do professor. (MALASCH; LEITER, 1999).

Na última década o trabalho docente, por demanda do sindicalismo tem sido tema de muitos estudos e de investigações, fomentando a formação de grupos e redes de pesquisadores para esse fim. Gasparini, Barreto e Assunção (2005) em sua pesquisa documental que teve como texto base o relatório da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (Belo Horizonte, 2003) construído juntamente com o Sindicato Único dos Trabalhadores em Educação em Minas Gerais – Sind-UTE, representante da categoria mostrou que no relatório mencionado houve uma freqüência importante de atendimentos médicos com solicitação para afastamentos do trabalho por motivos de saúde (Belo Horizonte, 2003).

A análise desses dados mostrou que a GSPM (Gerência de Saúde do Servidor e Perícia Médica) realizou 16.556 atendimentos à servidores da educação no período de maio de 2001 a abril de 2002. Gasparini, Barreto e Assunção (2005) chegaram à conclusão, que as razões de procura da perícia médica não são banais, uma vez que 92% (15.243) dos atendimentos provocaram afastamento do trabalho. Os afastamentos no grupo geral de servidores são concentrados na categoria dos professores, totalizando 84% dos servidores afastados.

Em outro artigo Rocha e Fernandes (2007) nos aponta que em um estudo realizado em Málaga, utilizando os arquivos de inspeção médica da delegação de Educação e Ciência com 13.183 professores, mostrou que as causas mais importantes de licença de professores

relativas a saúde foram traumatológicas, geniturinárias, obstétricas e neuropsiquiátricas. A inspeção médica considerou alguns desses professores como doentes mentais crônicos e esses são destinados ao final de ano a desenvolver tarefas administrativas, afastando-se assim das aulas.

Em 06 de maio de 1996, frente ao número crescente de cidadãos que enfrentavam sintomas de estresse e ao crescente número de publicações acerca do tema, a Previdência Social incluiu no anexo II, o qual se refere aos agentes patogênicos causadores de doenças profissionais, a síndrome de *Burnout* na categoria para afastamento de trabalho, previsto na lei 8213/91. Com base nisso, seguiremos no capítulo seguinte fazendo referências e buscando compreender a problemática do Estresse Ocupacional.

4 ESTRESSE OCUPACIONAL

Como já mencionado anteriormente, o trabalho sempre foi uma atividade presente na vida do homem, já que por meio dele pôde-se buscar os elementos que lhe possibilitavam a satisfação das suas necessidades de sobrevivência. Entretanto, em nossa contemporaneidade, percebemos que o local de trabalho está em constante mutação e o capitalismo, a globalização e os avanços tecnológicos ainda provocam mudanças significativas no mundo do trabalho, principalmente pelo aumento da competição entre as organizações. (GOULART, 2002).

No entanto, parece que o mundo coorporativo começa a entender sua responsabilidade frente ao estresse experimentado pelo sujeito em função do número de horas despendidas dentro das organizações, da sobrecarga que em geral se coloca no trabalhador e das exigências das tarefas que no mundo moderno se tornam mais intricadas. (ZANELLI, 2010).

Diante dessa demanda complexa, é possível observar que quando a organização do trabalho entra em conflito com o funcionamento psíquico dos homens ou as possibilidades de adaptação entre o desejo do sujeito e a organização do trabalho são bloqueadas, então surge algum tipo de sofrimento patogênico. (DEJOURS, 1992).

Um exemplo claro de um sofrimento mencionado acima é o Estresse Ocupacional, que é um fator que tem atingido grande parte dos trabalhadores no âmbito geral, sendo um advento da cobrança contínua pela resolução de problemas e obtenção de produtividade. O estresse é de uma forma ampla compreendido como uma necessidade de adaptação ou ajustamento de um organismo frente as pressões que o ambiente apresenta. (ZANELLI, 2010).

Conforme revisto por Lipp (2005), a preocupação com os efeitos do Estresse Ocupacional atingiu um ponto marcante em 1999, quando foram adotados por diversos países, medidas antiestresse no trabalho. No mesmo ano, o Instituto Americano de Segurança e Saúde publicou recomendações sobre o estresse ocupacional, dando ênfase que a natureza do trabalho está mudando radicalmente, em velocidade vertiginosa e nos dizendo que medidas profiláticas devem ser tomadas a fim de prevenir o impacto do estresse ocupacional não só nos trabalhadores, mas na sociedade como um todo.

Um levantamento realizado pela Associação Internacional do Controle do Estresse, ISMA (International Stress Management Association), revelou que o Brasil é o segundo país

do mundo com níveis de estresse altíssimo. Pelo menos três em cada sete trabalhadores sofrem a síndrome de *Burnout* e não sabem.

A temática sobre o estresse vem ocupando largo espaço em diversos setores do conhecimento e desenvolvimento humano, porém, se faz necessário apresentar algumas definições de diferentes autores, com suas semelhanças e distinções.

Segundo Benevides-Pereira (2002), derivada do latim, a palavra estresse foi empregada popularmente no século XVII significando fadiga, cansaço. Após os séculos XVIII e XIX, o termo passou a ser relacionado com o conceito de força, esforço e tensão.

O vocábulo estresse foi utilizado pela primeira vez por Hans Selye (1965), ele descreveu o estresse como sendo "uma condição determinada especialmente por agentes não específicos, isto é, aqueles que agem sobre muitos órgãos, sem seletividade".

Para o autor:

> O stress é, essencialmente, o grau de desgaste total causado pela vida. Todos os organismos vivos procuram preservar a vida e estabelecem mecanismos para proteção á vida. Nessa tentativa ocorre um desgaste natural gerado pelas forças ambientais que favorecem pressões e aumentam o desgaste. (HANS SELYE, 1965, p.30).

Para França e Rodrigues (1996), o termo stress vem da física e nesta área de conhecimento tem o sentido do grau de deformidade que uma estrutura sofre quando é submetida a um esforço. Para as autoras o estresse também pode ser definido como uma relação particular entre uma pessoa, seu ambiente e as circunstâncias às quais está submetido, que são avaliadas como uma ameaça ou algo que exige dela algo além de suas próprias habilidades ou recursos e põe em perigo o seu bem-estar.

Em seus estudos, apresentam que quando se submete um organismo a estímulos ameaçadores à sua homeostase (seu equilíbrio orgânico), ele tem uma propensão a reagir com um conjunto de respostas específicas, que constituem uma síndrome, que é desencadeada independentemente da natureza do estímulo. (SELYE, 1965).

Com base nisso é possível observar que o estresse pode tanto proteger o corpo em sua função de alerta a situações de perigo, como, também prejudicar o sistema orgânico em situações de sobrecarga.

Então, o estresse apresenta-se como o resultado da interação entre o sujeito e o mundo que o cerca, quando percebe que está sendo ameaçado, seu organismo rapidamente se põe em alerta e se prepara para agir: ou luta ou foge do perigo. Esse acontecimento traz ao organismo uma série de modificações fisiológicas que, num primeiro instante, podem parecer

perturbadoras e angustiantes, mas são sinais de que o sistema orgânico está em bom funcionamento e preparado para se proteger. (BARASUOL, 2005).

Porém, França e Rodrigues (1996) dizem que ao ocorrer estas situações, boas ou más, por diversas vezes, irá advir um tipo de stress negativo denominado “Distresse”, que seria a resposta do indivíduo frente ao estressor, no entanto, se o indivíduo reage bem à demanda, surge o “Eustresse”.

Em uma situação particular, o estresse relacionado ao trabalho é definido por situações em que a pessoa percebe seu ambiente, suas necessidades de realização pessoal e profissional e/ou sua saúde física e mental como ameaçador. Neste aspecto a interação desta pessoa com o trabalho e com o meio é prejudicado na medida em que este ambiente contém demandas excessivas a ela, ou quando a pessoa não dispõe de recursos próprios para enfrentar tais situações. (FRANÇA; RODRIGUES, 1996).

França e Rodrigues (1996), Benevides-Pereira (2002) e Silva (2006) citam a “Síndrome Geral de Adaptação”, termo criado por Selye, que corresponde ao conjunto de modificações não específicas que ocorreram no organismo diante de situações de estresse e que consiste em três fases do processo de estresse:

- Reação de Alarme: é a fase em que o organismo é exposto ao agente estressor, quando se ativa o estado de alerta. Depois de avaliar as condições do agente estressor e as possibilidades de enfrentamento, caso o estressor seja considerado inofensivo, o organismo retorna ao estado de homeostase inicial. Persistindo o perigo ou desafio, passa-se ao estágio seguinte.

- Fase da Resistência: Nesta fase o organismo tende a uma adaptação ao agente estressor. A ativação do organismo permanece, entretanto não é possível manter a fase de alarme no mesmo patamar, pois isso pode levar rapidamente o organismo a exaustão e, em conseqüência, a morte. Se o indivíduo conseguir retirar ou eliminar o estressor ou restabelecer o equilíbrio do organismo, o processo de estresse se encerra. Em caso negativo, vai para a terceira fase.

- Fase da Exaustão ou Esgotamento: permanecendo o agente estressor, o mecanismo de adaptação se rompe, reaparecem os sintomas da etapa de alarme, com conseqüente danificação do organismo.

O uso da palavra “estresse” se tornou corriqueira que tanto no cotidiano e por vezes até mesmo no meio científico observa-se certa confusão em sua definição, pois o estresse é encarado tanto como elemento desencadeante como o resultado da evolução.

Para Benevides-Pereira (2002), há uma distinção entre Agente Estressor e Estresse. O primeiro é um elemento que vem a interferir no equilíbrio homeostático do organismo, ou tem a ver com as demandas que ele sofre. O Segundo é a resposta a este estímulo, isto é a necessidade de vir a aumentar o ajuste adaptativo, para retornar ao estado de equilíbrio, reaver a homeostase inicial, ou os recursos que a pessoa vem a dispender para fazer frente ás demandas.

Como já citado acima, existem dois tipos de estresse, o Eustresse e o Distresse. Benevides-Pereira (2002) nos diz que não necessariamente o estresse é um processo nocivo ao organismo. Selye (1965) em seus estudos acreditava que quando era positiva e/ ou breve a intensidade do estressor, e as respostas de estresse suaves e controláveis, poderiam ser estimulantes e excitantes ao indivíduo, possibilitando crescimento, prazer, desenvolvimento emocional e intelectual.

A esses casos ele chamou de Eustresse, visto que Selye (1965) denominou de Distresse, quando o estressor tem um caráter negativo, é mais prolongado ou denota maior gravidade. Pode-se dizer que o Distresse sobrevém quando o estresse ultrapassa um determinado limite, que poderá variar de organismo para organismo, ou dependendo das perdas e transtornos que acarreta ou ameaça. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Isso nos mostra que existem algumas “nuances” entre o estresse, ou Estresse Ocupacional e a Síndrome de *Burnout*, e esses termos algumas vezes acabam sendo confundidos, e/ou mal empregados por quem não se aprofundou no tema. O estresse pode atingir qualquer pessoa, o que desencadeia o estresse está relacionado à atividade que o indivíduo desempenha, o mais correto seria a designação “Estresse Ocupacional” e o que acaba diferenciando o Estresse Ocupacional da Síndrome de Burnout é a perspectiva relacional presente na Síndrome de *Burnout*.

A Síndrome de *Burnout* é a resposta a um estado prolongado de estresse, e quando os métodos de enfrentamento foram falhos ou insuficientes, ocorre a “cronificação” deste estresse. Enquanto o estresse pode apresentar aspectos positivos e negativos, o *Burnout* tem sempre um caráter negativo (Distresse). Por outro lado, o *Burnout* está relacionado com o mundo do trabalho, com as atividades laborais que o indivíduo executa. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002). Essa diferenciação, as nuances e características da Síndrome de *Burnout* serão descritas no capítulo seguinte.

4.1 Síndrome de Burnout

Este capítulo ocupa-se conceitualmente com a explanação acerca da Síndrome de *Burnout*, a fim de refletir sobre o significado presente na atividade do profissional docente, contudo, a identificação dos estressores bem como o diagnóstico, sintomatologia, prevenção e tratamentos serão abordados no subcapítulo seguinte.

Na trajetória que vai do Estresse Ocupacional ao *Burnout*, nota-se uma mudança de perspectiva acentuada, no qual houve uma evolução predominantemente individual para o social, ou relacional. Apesar da variedade de conceituações atribuídas ao *Burnout*, há uma unanimidade entre os pesquisadores, já que todos assinalam a influência direta do mundo do trabalho para a determinação desta síndrome. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

O vocábulo *Burnout* é utilizado para falar de um estado de fadiga física e mental que acomete, principalmente, categorias profissionais cujo trabalho ocorre no contato direto com pessoas. E o ato de ensinar é constituído de peculiaridades geradoras de estresse e de alterações comportamentais de seus executores, expondo permanentemente os educadores a uma degeneração progressiva da sua saúde mental, sendo que esta categoria está entre as três principais atingida pela síndrome.

Freudenberger (1975 *apud* Benevides-Pereira, 2002, p. 33) admite que também outros profissionais, além dos que trabalham diretamente na assistência aos demais, estão susceptíveis ao *Burnout*. No entanto, enfatiza o que difere é que as pessoas que trabalham em funções de ajuda encontram-se numa batalha em pelo menos três frentes: diante das doenças da sociedade, das necessidades do indivíduo que procuram por estes profissionais e das necessidades de si próprio.

Burnout é um termo que vem do inglês e, na sua origem, *Burn – out* significa queimar para fora. É como se a energia que o ser humano possui fosse "jogada para fora" e o sujeito chegasse ao seu extremo, praticamente sem possibilidades de sair daquele estado. (BARASUOL, 2005).

O termo *Burnout* foi criado por Herbert J. Freudenberger em 1974, e vem da expressão inglesa que designa "deixar de funcionar por exaustão de energia" ou como "estar queimado", "perder fogo" ou "perder energia". Segundo França e Rodrigues (1996), o *Burnout* tem o significado de desgaste, tanto físico como mental, seria ficar exausto em função do excesso de

esforço que a pessoa faz para responder às constantes solicitações de energia, força ou recursos.

O desgaste físico e emocional é um processo gradual de enfraquecimento, corroborado claramente por exigências do trabalho que afetam o indivíduo, porém, para Codo (2006), *Burnout* é uma síndrome através do qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de maneira que as coisas deixam de ser importantes e qualquer esforço lhe parece ser inútil. Reinhold (2002) reforça citando que:

> O *Burnout* é como uma "erosão" gradual, e freqüentemente imperceptível no início, de energia e disposição, como conseqüência de um stress: o *Burnout* não ocorre de repente; é um processo cumulativo, começando com pequenos sinais de alerta, que, quando não percebidos, podem levar a uma sensação de quase terror (REINHOLD, 2002, p. 65).

Carlotto (2002), em um estudo sobre *Burnout*, reconhece que o fenômeno é complexo, multidimensional, resultado da interação entre o indivíduo e seu ambiente de trabalho. Benevides-Pereira (2002), também deixa claro que o desenvolvimento da síndrome de *Burnout* está associado a variáveis sociais, organizacionais e do trabalho executado.

A visão do *Burnout* como um processo multidimensional é compartilhada pela maioria dos autores, mas a diferença está na ordem de aparecimento de cada uma das dimensões no desenvolvimento do processo.

Há concordância também entre autores no fato de que o *Burnout* apresenta-se em pessoas "normais", geralmente estes indivíduos são entusiastas e idealistas, que no contato com o mundo profissional vão mudando seu modo de ser e apresentando transtornos que acabam por interferir em nível pessoal, social e institucional. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Maslach e Jackson (1977 *apud* Benevides-Pereira, 2002, p.35; Barasuol, 2005, p.48; e Silva, 2006, p.69) constataram as variáveis socioambientais como coadjuvantes do processo de desenvolvimento do *Burnout*. Sendo assim, os aspectos individuais associados ás condições e relações do trabalho seriam propícias ao aparecimento dos fatores multidimensionais da síndrome, que envolve três aspectos:

- **Exaustão Emocional** – o trabalhador sente que não pode dar mais de si mesmo. Percebe sua energia e seus recursos emocionais próprios esgotados, devido ao contato diário com os problemas.

- **Despersonalização** – o profissional estabelece um contato frio e impessoal com os usuários de seus serviços. Desenvolve sentimentos e atitudes negativas e de cinismo para com essas pessoas, há uma "coisificação" da relação.

- **Reduzida Satisfação Pessoal no Trabalho** – O profissional evidencia o sentimento de insatisfação com as atividades laborais que vem realizando, há o sentimento de insuficiência, baixa autoestima, desmotivação provocando o fracasso profissional. Por vezes, apresenta ímpetos de abandonar o emprego.

Essa perspectiva dos fatores multidimensionais da síndrome nos revela que quando este fenômeno ocorre em professores, afeta o ambiente educacional em seu todo, pois interfere diretamente no alcance dos objetivos pedagógicos e conduz os educadores a um processo de alienação, cinismo, indiferença, problemas de saúde e intuito de abandono da profissão. (GUGLIELMI; TATROW, 1998 apud CARLOTTO, 2002, p.21).

Codo (2006) cita que o *Burnout* é uma desistência de quem ainda está lá encalacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir. O trabalhador inconscientemente arma uma retirada psicológica, um jeito de abandonar o trabalho. Em se tratando do professor, esse está presente na sala de aula, mas passa a considerar cada aula, cada aluno, cada semestre, como números que vão se somando em uma folha em branco:

> (...) Tanto faz sobre o que estou dando aula, sequer me interessa se foi boa ou não, o que me interessa é que mais uma aula se passou (...). Tanto faz que meus alunos estejam apaixonados pelo conteúdo ou que as minhas palavras atravessem seu cérebro como a um deserto, cumpro apenas a minha obrigação (...) (CODO, 2006 p. 254).

A síndrome de *Burnout* em professores é insuficientemente conhecida e poucos desses profissionais sabem o significado dessa doença. No Brasil a "Síndrome em Professores" é conhecida como um esgotamento físico e emocional que começa com sentimento de desconforto e gradativamente vai aumentando até a diminuição gradual da vontade de lecionar, perdendo a motivação, alegria, satisfação, interesse, vontade de sonhar, falta de concentração.

> No *Burnout*, além destes fatores, a qualidade do trabalho é comprometida não só pela desatenção e negligência, mas especialmente pela relação entre o profissional e a pessoa a quem presta atendimento ou serviços, com o distanciamento, falta de empatia e hostilidade evidenciados. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002, p.47).

Reinhold (2002) nos descreve que nos fatores multidimensionais podem ser observadas várias fases da Síndrome de *Burnout*, sendo a primeira a fase do "idealismo", pois a energia e o entusiasmo do profissional são ilimitados, vendo assim seu trabalho preencher suas necessidades.

Logo após surge a fase do "realismo", pois começa a entender que suas perspectivas iniciais foram ilusórias e o ensino não mais satisfaz suas expectativas, as recompensas e o reconhecimento são irrisórios e conseqüentemente a desilusão surge. A "estagnação e a frustração" compõem a terceira fase, pois nessa etapa o ânimo e a energia inicial são literalmente alterados pela fadiga crônica e a irritabilidade generalizada, contribuindo assim para sua mudança de comportamento, então surgem os atrasos e faltas como um mecanismo de defesa. (REINHOLD, 2002).

A quarta fase é a "apatia", quando inicia a sensação de desespero, fracasso, perda da autoestima e autoconfiança, solidão, pessimismo e muitas vezes a depressão. A vontade de abandonar sua profissão é a característica desta fase. Já na quinta e última fase pode (embora seja muito raro acontecer) ocorrer o chamado "fenômeno de fênix" pelo qual o professor recupera-se e livra-se do *Burnout*. (REINHOLD, 2002).

Essas características parecem fazer parte da realidade do educador contemporâneo também no Brasil, pois muitos são os problemas enfrentados em sala de aula pelo professor, que obrigatoriamente desempenha exaustivas jornadas de trabalho em salas superlotadas, com recursos materiais escassos e falta de apoio técnico, além de pressões de pais, alunos e equipe de trabalho, comprometendo assim tanto o trabalho quanto sua saúde.

Realidade que é comprovada em uma pesquisa feita pela UnB com 8.744 docentes, que revela uma alta incidência nessa categoria da síndrome de *Burnout.* Apresentando professores da educação básica da rede pública na região Centro-Oeste do Brasil, revelando que 15,7% dos entrevistados apresentam a síndrome de *Burnout*, refletindo intenso sofrimento causado por estresse laboral crônico. (LEITE, 2007).

Os dados coletados compõem uma amostra que apresentam variáveis como: gênero (predominância de 78,9% feminina); faixa etária (relativa entre 25 a 50 anos, com maior índice de concentração entre 30 e 39 anos – 36,5%); etnia (56,4% consideram-se branca, 34,7% pardos, 5,3% pretos, 2,1% amarelos e 1,2% indígenas); estado civil (predominaram os casados que, incluídos os que vivem com companheiro(a), representaram 61,4%; os solteiros 27%, os separados e divorciados 9,8% e os viúvos 1,9%); série em que leciona (81,8% lecionam no ensino fundamental, sendo quase metade [49,2%] na faixa de primeira a quarta séries e 32,6% na faixa de quinta a oitava, educadores de ensino médio representam 18,2%);

nível de escolaridade por eles alcançados (62% declararam ter curso superior, 12,3% concluíram o ensino médio, 23,5% fizeram especialização e 0,2% têm mestrado ou doutorado); carga horária semanal (50,4% trabalhavam entre 31 e 40 horas semanais, 26,6% até 20 horas semanais, 11,9% de 21 a 30 horas semanais e 11,1% mais de 40 horas semanais); tempo de serviço (13,5% tinham menos de 2 anos de magistério; 19% entre 3 e 5 anos; 17,6% entre 6 e 9 anos; 22,2% entre 10 e 15 anos; 13,9% entre 16 e 20 anos e 13,9% lecionavam há mais de 20 anos – o que apresenta o predomínio de profissionais com tempo de magistério situado na faixa de 10 a 15 anos. (LEITE, 2007).

A análise ofertada através desta pesquisa nos auxilia na identificação quanto à incidência dos três sintomas que caracterizam a síndrome: exaustão emocional, baixa realização profissional e despersonalização. Com relação ao primeiro sintoma, 29,8% dos professores pesquisados apresentaram exaustão emocional em nível considerado crítico. Quanto à baixa realização profissional, a incidência foi de 31,2%, enquanto 14% evidenciaram altos níveis de despersonalização. (LEITE, 2007).

Segundo Leite, (2007), os atingidos são principalmente profissionais idealistas e com altas expectativas acerca dos resultados do seu desempenho. Este estudo confirma a vulnerabilidade profissional mencionada até aqui, pois o excesso de condições contrárias e arbitrárias que o educador enfrenta o expõe a um desgaste permanente.

Estes dados nos evidenciam o fato dessa profissão apresentar um alto índice de expectativa frente ao rendimento profissional, tornando-os mais suscetíveis ao desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* que, segundo sua classificação pela CID 10 (Classificação Internacional das Doenças) é reconhecida como “Síndrome do Esgotamento Profissional” sob o código Z73.0. Esta classificação refere a um transtorno grave de tensão emocional crônica relacionada ao trabalho, em que o estresse chega às últimas conseqüências e leva o organismo a esgotamento por exaustão. Clinicamente o indivíduo torna-se improdutivo, irresponsável, indiferente, desatencioso, frio emocionalmente, embotado e empobrecido em seus vínculos afetivos e laborais.

Diante de tamanha problemática a necessidade de prevenção se faz mais que necessária, tornando-se urgente, pois as condições de trabalho e saúde dos educadores, na maioria das vezes, em situações conflituosas, possuem origens de fundo emocional provocadas pela precariedade das condições de trabalho. Para isso, é fundamental o esclarecimento dos profissionais envolvidos acerca da síndrome, buscando entender sua sintomatologia e as condições propícias ao desenvolvimento da síndrome. Quanto ao diagnóstico e identificação dos estressores serão abordados no subcapítulo seguinte.

4.1.1 Identificando a síndrome de *Burnout*

Na literatura pode-se encontrar uma lista bastante extensa de diversos sintomas associados ao *Burnout*. Os questionários de autoinforme têm sido os instrumentos mais utilizados para a avaliação do *Burnout*. Na Califórnia, Cristina Maslach e Susan Jackson, em 1978, começaram a estudar esse fenômeno psicológico e desenvolveram o MBI – Maslach Burnout Inventory. (SILVA, 2006).

Conforme postula Benevides-Pereira (2002), o MBI, é um questionário de autoinforme a ser respondido através de uma escala do tipo Likert de 7 pontos, indo de "0" como "nunca" a "6" como "todos os dias". De seus 22 itens, 9 são relativos à dimensão de Exaustão Emocional (EE), 5 á Despersonalização (DE) e 8 á Realização Profissional (RP). A pessoa é considerada com *Burnout*, quando o teste apresenta altas pontuações em EE e DE, associadas a baixos valores em RP.

Ainda para a mesma autora acima, o MBI possui três versões, a HSS – Human Services Survey, destinada à avaliação do *Burnout* em profissionais de serviços humanos (médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, etc.); a ED – Educators Survey, para os educadores (professores e educadores em geral); e a GS General Survey, indicado a todos os trabalhadores em geral. O que diferencia as três versões, uma das outras, são as terminologias empregadas para as pessoas que recebem os serviços dos profissionais que estão sendo examinados, no caso do HSS "cliente", "alunos" para ED e "pessoa" para GS, sendo que este último possui 16 itens. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002).

Silva (2006) nos aponta que esse teste foi responsável por popularizar o conceito do *Burnout*, foi aplicado em diversos países e adaptado para várias profissões. Muitas teses de mestrado e doutorado foram realizadas, estudando-se amostras de populações de profissionais registrando os sintomas do fenômeno.

Segundo Benevides-Pereira (2002), no Brasil encontramos estudos de tradução, adaptação e validação desenvolvidos por Lautert (1995) em 341 enfermeiros no Rio Grande do Sul, por Tamayo (1996), descrito em Codo, Sampaio e Hitomi (1997) realizado em profissionais de Brasília, pelo NEPASB (1997) em 595 diferentes profissionais de Maringá, Moura (1997, 2000) em professores da rede particular de Pelotas, por Kurowski (1999) em agentes penintenciários de Curitiba, além de Roazzi, Carvalho e Guimarães (2000) em uma

população de 684 professores em Teresina e a de Carvalho (1995) com 465 professores de rede pública pertencentes á Delegacia de Ensino de Mogi-Mirim.

Benevides-Pereira (2002) nos chama atenção para necessidade de estudos particularizados para cada população, já que os níveis de *Burnout* diferem de cultura para cultura e investigações efetuadas em diferentes nações têm demonstrado resultados diversos, não só quanto á cultura, como também para categorias profissionais e características relativas ao trabalho. Benevides-Pereira (2002) aponta uma extensa sintomatologia para o *Burnout*, sistematizando-a em um quadro esquemático:

- **Físicos**: Fadiga constante e progressiva; Distúrbios do sono; Dores musculares ou osteomusculares; Cefaléias, enxaquecas; Perturbações Gastrointestinais; Imunodeficiência; Transtornos Cardiovasculares; Distúrbios do sistema respiratório; Disfunções sexuais e; Alterações menstruais nas mulheres.

- **Comportamentais**: Negligência ou excesso de Escrúpulos; Irritabilidade; Incremento da agressividade; Incapacidade para relaxar; Dificuldades na aceitação de Mudanças; Perda da iniciativa; Aumento do consumo de Substâncias; Comportamento de auto risco e; Suicídio.

- **Psíquicos**: Falta de atenção; de concentração; Alterações de memória; Lentificação do pensamento; Sentimento de alienação; Sentimento de solidão; Impaciência; Sentimento de insuficiência; Baixa autoestima; Labilidade emocional; Dificuldade de autoaceitação; Astenia; desânimo; disforia; depressão; Desconfiança e; paranóia.

- **Defensivos**: Tendência ao isolamento; Sentimento de onipotência; Perda do interesse pelo trabalho; Até pelo lazer; Absenteísmo; Ironia e; cinismo. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002, p.44).

Como vimos, existe uma extensa lista de sintomas para o *Burnout*, no entanto é necessário pensarmos nos fatores que podem levar ao desenvolvimento do estresse e principalmente do *Burnout*. Reinhold (2002) nos apresenta alguns fatores que podem ser considerados como estressantes, sendo que, no caso de uma avaliação negativa pelo professor, podem levá-lo ao *Burnout*:

- **Fatores externos** (relacionados ao ambiente de trabalho):

a) **Papel de diretor:** O diretor tem papel central no processo, dependendo da sua conduta para com o professor, este poderá contribuir negativamente para o desenvolvimento do *Burnout*.

b) **Conflito, ambiguidade e excesso de papéis:** O professor não tem clareza sobre o seu papel, até onde é de responsabilidade sua, não sabe o que se espera dele e não tem apoio necessário da administração.

c) **Jornada de trabalho do professor:** Muitas vezes, necessita ter mais de um emprego, as horas de trabalho tanto dentro como fora da escola são excessivas e extenuantes e a escola, muitas vezes, não concede ao professor intervalos suficientes durante o dia, nem períodos livres durante o ano.

d) **Excesso de burocracia:** Devido ao acúmulo de atividades burocráticas do professor no final do ano, ele pode desenvolver especialmente o chamado "*Burnout* de fim de ano".

e) **Indisciplina**: Alunos com indisciplina, número excessivo de alunos em classe e políticas de disciplina inadequadas na escola podem levar o professor ao *Burnout*.

f) **Falta de integração social no trabalho:** falta de apoio dos colegas, falta tempo livre para interagir e discutir os problemas da escola.

g) **Falta de reconhecimento** pelo bom trabalho executado ou poucas oportunidades de promoção.

h) **Expectativas muito elevadas** por parte dos superiores, dos pais e da comunidade em relação ao trabalho do professor.

i) **Tédio decorrente de tarefas repetitivas**: O trabalho rotineiro, monótono pode acarretar o chamado "*Burnout* de repetição", que é consequente de fazer sempre as mesmas coisas, a mesma tarefa.

j) **Políticas inadequadas** de avaliação de desempenho do professor, causando stress.

k) **Valores conflitantes** entre a instituição e o professor.

l) **Falta de autonomia:** Se o professor percebe que não tem controle sobre a situação de trabalho, que não tem autoridade para resolver o problema, seu risco de *Burnout* aumenta.

m) **Baixo status** da profissão do professor.

- **Fatores Internos ou pessoais:**

a) **Vulnerabilidade biológica:** O sujeito pode ter uma predisposição genética para maior excitabilidade orgânica, para depressão ou ansiedade de origem biológica.

b) **Vulnerabilidades psicológicas:** Foram identificadas algumas características psicológicas capazes de contribuir para o desenvolvimento do *Burnout*, como: perfeccionismo; controle; agradar aos outros; expectativas elevadas e metas impossíveis; senso de responsabilidade exagerado; autoestima baixa; negativismo; e o sistema de crenças e valores transforma-se em "vulnerabilidades psicológicas" para o *Burnout*, quando o professor tiver crenças e valores que causem stress e ansiedade.

Reinhold (2002) ainda apresenta outros fatores psicológicos e comportamentais capazes de contribuir para o desenvolvimento do *Burnout*, que são:

- **Escolha profissional equivocada:** o trabalho do professor não está em concordância com os interesses, aptidões e características de personalidade do professor, gerando uma sensação de inadequação no trabalho.

- **Problemas pessoais**, doença pessoal ou doença crônica na família; mudanças ou conflitos familiares; perdas e desilusões.

- **Falta de preparo** e competência para desempenhar seu papel.

- **Falta de atividades** sociais e de lazer.

- **Afastamento da família** por excesso de trabalho, perdendo-a como fonte de apoio.

Benevides-Pereira (2002) reforça a imensa lista de fatores que vem a contribuir para o desenvolvimento da Síndrome de *Burnout* e ainda nos apresenta algumas conseqüências que podem afetar o sujeito que a desenvolve, tais como:

1) **Físicas, Pessoais:**

- As consequências físicas e pessoais são as relatadas no item referente a sintomas, no qual ocasiona prejuízos não só pessoais, mas também no trabalho, assim como sociais e organizacionais.

2) **No trabalho:**

- **Diminuição na Qualidade:** Sentindo-se exausto, necessitando buscar mais energia para tentar concentrar-se no que está realizando, desmotivado pela baixa satisfação que vem obtendo de seu trabalho, entre vários outros sintomas além da despersonalização, a conseqüência natural é a diminuição da qualidade dos serviços prestados. Poderá ser evidenciado essa redução na qualidade em um mau atendimento ou procedimentos equivocados, em negligência, imprudência e imperícia.

- **Predisposição a acidentes:** Devido à falta de atenção e concentração, sintomas comumente apresentados por aqueles, que apresentam a síndrome, têm sido as maiores responsáveis pelo aumento do número de acidentes.

- **Abandono:** Muitas pessoas acabam abandonando o emprego ou profissão o que produz grandes perdas tanto pessoais, pelo desperdício de tempo e dinheiro investidos, assim como para a instituição que terá que colocar outra pessoa no lugar, perdendo muitas vezes tempo e dinheiro.

3) **Sociais:**

- **Isolamento:** Em várias pesquisas, o isolamento vem sendo apontado, apesar de por vezes alguns autores indicarem a preexistência e tendência a mesma.

- **Divórcio:** Nem sempre a família suporta o incremento dos sintomas já descritos, além de alguns estudos denunciarem o ciúme ao cliente e ao trabalho por parte do conjugue, que acaba por levar ao divórcio.

4) **Organizacionais:**

- **Absenteísmo:** Na medida em que o processo de avanço da síndrome aumenta, o número de faltas ao trabalho aumenta. As faltas passam a ser uma forma de alívio, de "respiro" para tentar levar adiante uma situação cada vez mais insustentável.

- **Rotatividade:** Muitas vezes, como uma forma de não abandonar a profissão, numa tentativa de resolução do problema, o indivíduo muda de instituição ou de setor dentro da organização, é remanejado para outro local ou outra função, o que acarreta transtornos, dispêndio de tempo e dinheiro.

- **Baixa Produtividade:** Alguns sintomas já citados como o estado de esgotamento, desatenção, lentidão ou excesso de escrupulosidade, irritabilidade e insatisfação são incompatíveis com o processo de produtividade.

- **Acidentes de trabalho:** como já citados anteriormente, mas presente nesta categoria, os acidentes de trabalho estão associados principalmente á dificuldade em manter a atenção e a concentração estáveis. Alguns autores acreditam poder estar associados a um componente disfórico e, em realidade, tratar-se de uma tentativa de suicídio.

Para Carlotto, (2002) as frustrações emocionais peculiares a este fenômeno podem levar a sintomas psicossomáticos como insônia, úlceras, dores de cabeça e hipertensão, além de abuso de álcool e medicamentos, incrementando problemas familiares e conflitos sociais.

Muitos desses sintomas, bem como as características apresentadas como fatores estressantes serão apresentados mais adiante através de uma análise sistemática de trechos e discursos extraídos do filme-documentário “Carregadoras de Sonhos”, cuja história oferece um breve “recorte” da atual conjuntura do sistema educacional. Nossa proposta é identificar uma demanda sintomatológica que contemple nossa atual conjuntura, necessariamente quanto aos papéis do profissional docente atuando em meio a uma série de situações contrárias e obstrutivas, observando como se desenvolve o processo que se inicia em uma situação de estresse ocupacional e pode ocasionar o aparecimento da Síndrome de *Burnout.*

5 OBJETIVOS, PROBLEMA DE PESQUISA E HIPÓTESE

5.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo sobre fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do estresse ocupacional até a síndrome de *Burnout* nos professores do ensino público através do filme “Carregadoras de Sonhos”.

.

5.2 Objetivos Específicos

- Identificar os principais problemas enfrentados no trabalho docente.
- Descrever e analisar as condições de trabalho dos professores e sua repercussão no processo de adoecimento do docente.

5.3 Problemas de Pesquisa

As atividades desempenhadas pelos professores no contexto escolar podem ser potencializadoras ao desenvolvimento de distresse e até mesmo Burnout?

5.4 Hipótese

Pode se dizer que os professores do ensino público estão sujeitos a condições de trabalho que os expõem a cargas que ao longo do tempo podem levar a um desgaste de suas capacidades vitais.

6 MÉTODO

Na elaboração de um trabalho acadêmico existem diversos tipos de pesquisas que podem ser realizadas, como: pesquisa de campo, descritiva, laboratorial, empírica e exploratória e bibliográfica. O presente trabalho foi inicialmente considerado como uma pesquisa exploratória, no qual de acordo com Gil (2002), uma pesquisa exploratória tem como objetivo auxiliar na compreensão e construir uma maior familiaridade do problema estudado, deixando-o mais explícito, para proporcionar a facilidade na construção de hipóteses.

Para se ter uma maior compreensão sobre o tema, fizemos também uma pesquisa bibliográfica que para Severino (2007) é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc, e que no qual o pesquisador vai trabalhar com estudos já registrados por outros autores decorrentes dessas pesquisas anteriores.

A pesquisa bibliográfica, para Marconi e Lakatos (2001), é definida como:

> [...] levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista 'o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de suas informações'. (TRUJILLO, 1974 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2001, p. 43).

6.1 Sujeitos

As quatro professoras protagonistas do filme e a sua rotina de trabalho.

6.2 Instrumentos

DVD do filme intitulado "Carregadoras de Sonhos".

Título original do filme: Carregadoras de Sonhos".

Lançamento: 2010

Origem: Brasileira – Sergipe -SE

Duração: 1 hr 07 min

Gênero: Documentário / Drama

Diretor: Deivison Fiuza

Escritor: Deivison Fiuza

Produtor: SINTESE (Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Sergipe).

6.3 Procedimentos:

- Analisou-se e levantou-se dados, a partir das cenas mais relevantes do filme
- Assistiu-se ao filme de forma atenta por diversas vezes.
- Selecionou-se cenas e trechos pertinentes ao tema.
- Correlacionou-se estas cenas e trechos com os aspectos teóricos.
- Compreendeu-se e interpretou os dados obtidos do filme, com base nas literaturas pesquisadas em livros e sites científicos.

7 DISCUSSÃO

Partindo do interesse da Psicologia pelo tema, apresentaremos uma discussão acerca de algumas imagens, cenas do filme, com objetivo de analisar as situações do cotidiano escolar vivenciadas pelas professoras Marta, Rose, Maraílsa e Edielma, considerando diversos fatores estressantes advindos da relação com o ambiente de trabalho, questões emergentes e/ou situações-problema que podem resultar em diversos níveis de estresse até atingir a possibilidade do surgimento da Síndrome de *Burnout*.

Sendo este um filme que retrata situações da realidade destas quatro professoras, buscamos através do mesmo analisar os principais aspectos que emergiram da relação estabelecida no exercício da sua profissão, observando as demandas que surgem através do excesso de um conjunto de elementos que podem ser geradores de um estresse negativo, ou seja, o distresse, podendo levá-las a desenvolver a Síndrome de *Burnout* como: dar aula em diversas escolas, diferentes salas de aula e alunos com idades diferentes, deslocamentos até a escola, a variabilidade do trabalho e funções desempenhadas determinada pela gestão, pela política educacional, o tamanho das turmas, infra-estrutura e falta de recursos materiais nas escolas.

As quatro professoras lecionam para o Ensino Fundamental e Médio em diferentes escolas situadas ao longo do interior de Sergipe, ocupando- se de seu exercício profissional por cerca de todo o dia, há ainda situações em que chegam a ficar semanas fora de casa dadas as dificuldades de acesso e transporte.

Embora este seja um relato da realidade destas quatro professoras do estado de Sergipe, esse cenário mostra-se como um “recorte” da atual situação do profissional educador brasileiro, revelando um quadro de condições precárias de trabalho. Gomes e Brito (2006) reforçam como os professores têm que lidar com as variabilidades ligadas aos recursos materiais que vão desde a falta ou péssimas condições de materiais como: cadeiras, carteiras, livros, materiais didáticos; falta de água até falta de giz e apagador.

Estes parecem ser apenas alguns desafios aos profissionais professores que, se apresentam com uma formação frágil e ultrapassada e com suas crenças pessoais, especialmente no que concerne a capacitação humana de aperfeiçoamento. Contudo, mesmo diante de tal adversidade, parece haver uma característica marcante observada no filme, pois o signo do “Idealismo” prevalece no discurso das professoras protagonistas, permeando suas

relações com o ambiente de trabalho a todo o momento.

Este é um fato observado em diversos momentos no filme através dos relatos "espontâneos" e das cenas que retratam a realidade diária das professoras, como na cena 01 em que a professora Rose toma seu café às 05 horas da manhã junto de sua mãe antes de começar o dia de trabalho. Então surge o diálogo e sua mãe pergunta: *Como anda as coisas no trabalho filha?* E Rose responde prontamente: *"Meu maior sonho é ver aquelas crianças na faculdade".*



Cena 1: Professora Rose tomando café e conversando com sua mãe antes do trabalho.

O elemento do idealismo também é apresentado em outros momentos, como na cena 02 em que a mesma professora senta-se diante da câmera e comenta: (...) "*mas apesar de tudo eu não esqueço a minha missão e o meu desejo de que essas crianças ainda acreditem em um sonho. Eu estou ali para isso, para que elas não deixem de sonhar. E é o sonho quem me motiva, um sonho de um mundo diferente. O mundo que é imposto não é o único mundo possível, ele pode ser reconstruído e a forma dessa reconstrução é a educação e é isso que me motiva".*

Podemos observar essa questão do idealismo também na cena 03, no qual a professora Edielma deixa o filho aos cuidados de sua mãe para poder trabalhar, e enquanto faz isso durante a cena ela narra: "*hoje eu trabalho na escola pública, mas já trabalhei na escola particular. Foi na escola pública que a minha autonomia se transformou em missão: Superar a total falta de estrutura para ser professora".*

Ainda sob o signo do idealismo, também observamos tal elemento no discurso da professora Marta, que na cena 04 senta-se diante da câmera e comenta: "*Eu sei que se não fosse pelo amor que eu tenho a minha profissão isso jamais iria ser compensador, mas devido o amor que eu sinto que é muito grande isso tudo vale a pena. Vale a pena eu rodar por estradas ruins, vale cair nas estradas como eu já cai, porque eu amo a minha profissão, eu amo ser professora, porque professor é um construtor de conhecimento é através do professor que a criança cresce, é através do professor que a criança pode sonhar e é isso que eu faço".*

E parece ser o idealismo o real motivador das quatro professoras, pois na cena 05 a professora Marailza também se senta diante da câmera começa falar de suas dificuldades e no decorrer de seu discurso diz: *"Eu sei que é pelas crianças, é por mim é porque eu acredito naquilo que eu faço".*

A observância do idealismo, embora apareça como motivador para alguns professores é algo realmente preocupante, pois pessoas idealistas e entusiasmadas com suas profissões podem tornar-se mais vulneráveis ao desenvolvimento de Estresse Ocupacional ou até mesmo da Síndrome de *Burnout*, visto que os profissionais assim descritos vêem sua profissão como uma espécie de "missão".

Benevides-Pereira (2002) nos reforça ao citar que altos níveis de idealismo muitas vezes estão associados a expectativas geralmente pouco realistas e quanto maior o idealismo no que se refere à profissão e possibilidades de realização, maior a possibilidade de vir a apresentar índices de Estresse Ocupacional e a Síndrome de *Burnout*.

Esse sentimento de risco gera um comprometimento por vezes excessivo com o trabalho por parte dos professores, que passam a se envolver mais e intensamente com suas atividades a ponto de sentirem-se desapontados quando não recompensados por seus esforços. Muitas vezes, além de desempenhar suas funções ensinando seus alunos, querem atingir metas um tanto ou quanto irreais, almejando ajudar esses alunos a resolverem também seus problemas pessoais.

Conquanto, essa pareça ser uma problemática essencialmente da interação mal sucedida entre profissionais entusiastas e clientes excessivamente problemáticos ou necessitados, que pode resultar em um conjunto de expectativas inalcançáveis de ambos os lados e inevitavelmente levando ao esgotamento. (FREUDENBERGER, 1974 *apud* LEITE, 2007, p. 21).

Tal interação mencionada também nos leva a questionar até onde vai o papel do professor, que neste momento deixa de ser apenas um educador, ampliando sua atuação aos diversos setores sociais, operando mais como um agente social do que propriamente um

professor. Sua missão passa a ser estendida para além da sala de aula, no intuito de garantir principalmente uma articulação entre a escola e a comunidade, o que requer uma dedicação mais ampla do profissional. Então o professor, ao assumir muitas funções, por vezes contraditórias, necessita ter de lidar com aspectos sociais e emocionais dos alunos, e ainda conflitos ocasionados pelas expectativas dos pais, estudantes, administradores e da comunidade. (CARLOTTO, 2002).

Em algumas cenas essa característica de ambigüidade de papéis ficou muito evidente no qual através dos discursos das protagonistas percebemos um sério conflito acerca das definições de papéis enquanto professoras de escola pública, relatos que demonstram uma forte carga de responsabilidade que vai além de seu campo de atuação, como na cena 06 em que a professora Rose senta-se em uma cadeira diante da câmera, no pátio da escola, e inicia seu discurso. Em sua fala ela menciona: *"Eu trabalho há oito anos nesta escola. Um acontecimento que me marcou foi que eu tinha uma aluna de nove anos que foi minha aluna durante três anos consecutivos. Notei que começou a cair o rendimento da menina, o comportamento dela começou a mudar, ela começou a ficar agressiva, triste e muito distraída. Então, comecei a averiguar o que estava acontecendo com está menina. E ao conversar com ela, ela não falava nada. Então cheguei até a mãe para perguntar o que estava acontecendo na casa dela. A mãe me falou o fato de que o avô dela tinha falecido. Eu esperei que esse momento passasse só que esse momento não passou. Ai eu comecei a achar que não era só isso. Comecei a investigar o porquê daquele comportamento dessa menina, né. Então pra eu saber o que estava acontecendo na casa dela, eu dei um diário para ela e uma boneca, que ela conversasse com a boneca o que acontecia com ela e escrevesse no diário. A partir daí eu descobri que ela estava sendo abusada sexualmente pelo irmão mais velho. Então eu acionei o conselho tutelar, conversei com o pessoal do CRAS, mas nada foi feito, nenhuma providência foi tomada. E até a própria mãe da menina afastou a criança de mim. Agente se sente muito impotente diante de uma situação dessas. Esse é um peso muito grande que o professor leva. Eu costumo dizer que o Psicólogo recebe os traumas prontos, nós professores vemos tudo acontecer em sala de aula e muitas vezes não podemos fazer muita coisa".*



Cena 06: relato da professora Rose sobre seu trabalho como professora.

Este mesmo elemento também é observado na cena 07 em que a professora Rose em seu discurso ainda comenta: *"Na escola em que eu trabalho sou professora, médica, psicóloga, enfermeira e até mãe. Eu tenho um caso de um menino de seis anos. Teve um dia que ele chegou na escola com algumas manchas. Inventei a brincadeira da catapora, dizendo: hoje é o dia da catapora, então vamos ver quem é que tá com catapora. Consegui que os meninos tirassem as blusas para eu ver quem é que estava machucado ou com manchinha de catapora mesmo. Ai quando ele tirou a blusa vi que ele tinha sido espancado nas costas e próximo do pescoço. Essa criança precisa de ajuda e a nossa formação não nos prepara pra isso, não nos prepara pra situações delicadas como essa. Onde é que está todo apoio que a escola precisa. Infelizmente é assim, tem muita criança e pouca infância."*

O comentário acerca das definições de papéis emerge em diversas cenas do filme, bem como em diversos relatos das protagonistas, pois na cena 08 a professora Edielma discursa acerca de seu papel e comenta: *"Infelizmente muitos pais fazem da escola um depósito para seus filhos, esquecendo realmente a razão do porque desse filho ter que estar na escola. Às vezes esquecendo até do seu próprio papel, chegando na escola, entregando seu filho e apresentando a professora como sua segunda mãe, fazendo da professora sua babá."*

Segundo os relatos das protagonistas percebemos que tanto os pais como a comunidade em geral tendem a transferir para a escola, e particularmente para os professores, a responsabilidade e a tarefa de orientarem seus filhos. Por outro lado, há alguns professores que se sentem também despreparados para falar sobre alguns assuntos e por não terem como

se isentar dessa responsabilidade, buscando abordar essas questões da forma que julgam mais pertinentes e acabam adotando estratégias que nem sempre produzem resultados condizentes com a formação de uma consciência mais reflexiva e crítica do jovem diante de determinados assuntos.

O professor se depara com a necessidade de desempenhar vários papéis, muitas vezes contraditórios e que lhe exigem manter o equilíbrio em várias situações. Exige-se que seja amigo e companheiro do aluno, que seja sua família, seu Psicólogo e até seu Assistente Social. Essa exigência pode gerar não apenas um sério conflito de papel, pois esta é uma característica do exercício profissional que pode levar do estresse ao *Burnout*, pois o conflito ocorre quando acontece um embate entre informações e expectativas do trabalhador sobre seu desempenho em um determinado cargo ou função na instituição. Nesse sentido, quanto maior o conflito de papéis, maior a probabilidade do desencadeamento do *Burnout*.

Alonso (1999) descreve um conjunto de dificuldades advindas de diversos contextos, como no caso dos pais que exige do professor condutas e respostas da qual não está preparado, ou seja, além do professor exercer a função na qual foi contratado, ensinar, transmitir conhecimento, é exigido um olhar clínico para diagnosticar ou até mesmo resolver problemáticas comportamentais que possam interferir no relacionamento social e no rendimento escolar dos alunos; da sociedade, que os responsabilizam por todos os problemas sociais, exigindo dos professores e da escola soluções para esses inúmeros problemas, o que pode "estigmatizar" o professor como o "bode expiatório" de todo insucesso e incapacidades escolares, provocando no profissional um sentimento de culpa que poderá formar-se em um elemento a mais para que ele perca a sua identidade.

Esteve (1999) vai além e estima um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se disponibilizam a responder ás novas expectativas projetadas sobre eles, pois a mais relevante modificação que tem ocorrido no papel do professor está ligada ao "avanço contínuo do saber". E, assumir as novas funções que o contexto social exige dos professores requer domínio de uma ampla série de habilidades pessoais que não podem ser limitadas ao âmbito da acumulação do conhecimento.

Segundo Rocha e Fernandes (2007) uma das categorias profissionais que mais tem exigido mudanças é a dos professores, devido a intensificação do ritmo de trabalho. Tradicionalmente era atribuído aos professores o papel de ensinar disciplinas. Hoje o professor teve que agregar outras funções como, orientar sobre hábitos adequados de saúde e higiene, assessoramento psicológico, educação para o trânsito, entre outras.

Todos esses fatores acabam interferindo no trabalho do professor que sente que a aula

fica mais pobre, pois não tem os recursos (no seu sentido mais amplo) que gostaria de ter. Sendo assim, muitos professores se vêem sendo acometidos por um sentimento de impotência e frustração. Contudo, esse estado de incapacidade e desconforto que invade o professor, relacionado a outras condições compõe o quadro geral de mal estar docente.

Como mencionado anteriormente, o contexto que pode variar do Estresse Ocupacional até a Síndrome de *Burnout* envolve uma série de elementos que se agregam a um quadro, muitas vezes ainda estável, comprometendo intervalos em que o professor deveria utilizar para descanso e cuidados com a saúde. Essas condições problemáticas que permeiam a prática docente transformam o exercício profissional em um grande desafio, principalmente se considerarmos as condições precárias de recursos mencionados nas cenas seguintes.

Na cena 09 a professora Edielma enquanto usa a o mimeógrafo relata: *"Em relação aos recursos e materiais didáticos que tenho na escola, eu sinto muita falta de materiais que poderia dizer que são os mais simples possíveis, mas que para nós professores agente sente muita falta no desenvolvimento das nossas atividades. Se tivéssemos realmente em todas as escolas coleções de livros pedagógicos, os professores teriam mais uma base para complementar os materiais que nós temos em sala de aula. Porque o que temos para desenvolver nossas atividades? Somente o quadro com giz, uma atividade mimeografada, ou os livros dos alunos que na maioria das vezes não estão adequados para a realidade da nossa turma. Se por acaso eu precisar fazer alguma atividade de pesquisa, se eu tenho trinta e oito alunos, eu não tenho tesoura disponível para isso, não tenho uma quantidade adequada de cola. Se eu quiser desenvolver alguma atividade de arte ou complementar alguma atividade em relação aos conteúdos que estou expondo, eu não tenho um papel crepom para fazer um cartaz, um papel laminado, um papel camurça que são materiais que realmente os meninos sentem falta, por que faz um complemento mais sofisticado, mais colorido para os alunos".*



Cena 09 a professora Edielma mimeografando atividades para os alunos.

Na cena 10 mostra uma casa que está sendo utilizada para dar aula. O local aparentemente é pequeno, sem ventilação e as salas são grudadas uma na outra. Nesta cena a professora Marta também reflete acerca das condições e da falta de estrutura e comenta: *"Estou dando aula neste local, devido a escola que estava estar em péssimas condições e não tinha condições de agregar os alunos. Por causa disso foi alugado este local e nós estamos aqui por tempo provisório. Tempo este que não sei quanto. O local não tem estrutura nenhuma também, to dando aula em um quartinho pequeno e a outra sala fica bem ao lado. Não tenho condições de fazer nenhum trabalho com as crianças, por que o que eu do na minha sala de aula, os outros alunos na outra sala respondem e acaba desconcentrando a outra professora".*



Cena 10 a casa na qual a professora Marta está dando aula.

Na imagem 11 a professora Marailza aparece pegando água em um balde e, com um pedaço de pano tenta limpar uma lousa em situação precária, a estrutura da lousa está muito comprometida, com a parte que é utilizada para escrever danificada. A estrutura física da maioria das escolas que essas professoras dão aula também são muito precárias, com paredes sujas, salas pequenas aparentemente sem ventilação, cadeiras e carteiras quebradas e dada a falta de material pedagógico, muitas vezes precisam gastar do próprio salário para a compra de material para as aulas, como giz, apagadores, papel, lápis, etc.







Cena 11 que mostra a estrutura física precária da escola onde Marailza dá aula como a lousa com o quadro negro danificado, cadeiras e carteiras em mal estado.

A falta de suporte técnico, de condições físicas como a temperatura elevada das salas de aula, iluminação inadequada, barulho intenso, o número excessivo de alunos por espaço, entre outros, bem como a falta de materiais para programar suas ações junto aos alunos, também é uma característica identificada como fator importante na fonte de desgaste profissional e precisam ser considerados. Quando persistentes esses estressores podem levar a Síndrome de *Burnout*, afetando o ambiente educacional e interferindo na obtenção dos objetivos pedagógicos, ocasionando problemas de saúde, absenteísmo e intenção de abandonar a profissão.

Para Gomes e Brito (2006), os professores expressam um sentimento de indignação muito grande ao descaso com que tem sido tratados pelos governantes, sobretudo nos últimos anos, no qual houve uma desvalorização social e econômica devido ás transformações no mundo do trabalho e suas repercussões na escola.

O trabalho docente na escola pública é complexo, abrange inúmeras problemáticas que envolvem desde aspectos macros como a globalização, as transformações no mundo do trabalho, entre outros, até questões do cotidiano em sala de aula, como, por exemplo, a falta de giz.

Embora muitos profissionais possam não abandonar, desistir de seu trabalho, em consequência do *Burnout*, alguns podem permanecer, entretanto a produtividade fica muito abaixo do real potencial, o que pode ocasionar, além do comprometimento da saúde do docente, problemas na qualidade do trabalho. (CARLOTTO, 2002).

No tópico de características organizacionais o ambiente físico é um fator que torna muito propício o desenvolvimento do Estresse Ocupacional e Síndrome de *Burnout*. Para Benevides-Pereira (2002), as condições do ambiente físico é um dos primeiros elementos a

serem consideradas e até hoje merecem destaque, pois o ambiente físico inadequado tem demonstrado forte interferência nos aspectos da saúde psicológica e física das pessoas. Fator que nos é reforçado por Rocha e Fernandes (2007):

> Emerge dessa situação um cenário com efeitos adversos, proporcionando aos docentes um conjunto de mal-estares, em muitos casos desestabilizando a economia psicossomática e gerando doenças diversas, que influenciam fortemente na qualidade de vida desses profissionais. (ROCHA; FERNANDES, 2007. p. 24).

Segundo Lipp (2002), o trabalho realizado não só dentro das salas de aula, mas também, nos intervalos, fora da escola demanda um esforço maior que sobrecarrega o professor que, muitas vezes é solicitado para resolver problemas diversos, e acaba se torna gerenciador de situações, que muitas vezes, fogem ao seu controle por despreparo.

Ballone (2008) comenta que os estímulos estressores são muitos e diversos no ambiente de trabalho e o profissional pode experimentar ansiedade significativa (reação de alarme) diante de diversas situações como: sobrecarga de trabalho, corrida contra o tempo, insatisfação salarial, etc. A desorganização no ambiente ocupacional põe em risco a ordem e a capacidade de rendimento do trabalhador e, normalmente as condições pioram quando não há clareza nas regras, normas e tarefas que deve desempenhar cada um dos trabalhadores, assim como os ambientes insalubres, a falta de ferramentas para trabalhar. Esteves (1999) reforça essa perspectiva e acrescenta:

> [...] a falta de recursos generalizada aparece como um dos fatores referidos em diversos trabalhos de investigação. [...] professores que enfrentam com ilusão uma renovação pedagógica de sua atuação nas aulas encontram-se frequentemente, limitados pela falta de material didático necessário e pela carência de recursos para adquiri-los. [...] Quando esta situação se prolonga a médio e longo prazo, costuma-se produzir uma reação de inibição no professor, que acaba aceitando a velha rotina escolar, depois de perder a ilusão de uma mudança em sua prática docente que, além de utilização de novos recursos dos quais ele não dispõe. (ESTEVES, 1999, p. 48).

O autor ainda cita que a sobrecarga de agentes estressores também pode ser considerada um fator importante para eclosão do estresse patológico no trabalho, além de ser um estado no qual as exigências do ambiente excedem a capacidade de adaptação. Com base nisso, descreve quatro fatores principais que contribuem para a demanda excessiva de agentes estressores no trabalho: 1. Urgência de tempo; 2. Responsabilidade excessiva; 3. Falta de apoio e; 4. Expectativas excessivas de nós mesmos e daqueles que nos cercam. (BALLONE, 2008).

Através dos relatos das protagonistas, percebemos como as questões se relacionam,

transformando-se num emaranhado complexo que dificulta cada vez mais a prática docente, tornando o exercício profissional um desafio extremo. Essa “teia” de acontecimentos compreende diversas características como, por exemplo, a baixa remuneração. Muitos professores sentem que sua profissão não é valorizada, pois financeiramente não são recompensados pelo seu trabalho.

Essa falta de reconhecimento profissional gera no professor um sentimento de frustração, fazendo com que muitos desses profissionais passem por uma crise de identidade, o que pode alterar a autoimagem que o professor passa a ter sobre si, deturpando assim não apenas o conceito que faz de si como o de seu papel enquanto agente de transformação e educador. Muitos desses profissionais acabam desistindo da prática docente, porém dos que permanecem, alguns vem a desenvolver uma autoimagem depreciativa quanto a seu potencial e a qualidade de seu trabalho.

Este exemplo fica claro na cena 12 em que a professora Marta chega em casa do trabalho, neste momento percebemos que já anoiteceu, ela se senta em uma cadeira em dos cômodos de sua casa, se mostra aparentemente cansada e relata sobre seus sentimentos acerca de seu exercício profissional, assim descreve: *“Eu tenho uma grande preocupação com o que as pessoas podem pensar quando veem estórias de professores que mesmo trabalhando em condições precárias dão o máximo de si. Alguém pode até pensar: Óh! Que tudo isso é muito lindo, que professora dedicada, isso é que é um exemplo, isso é a prova real que quando se quer se faz. Como também alguém pode pensar: Óh coitadinha! Não interessa, pode até ser bonito, mas é injusto. É injusto comigo, é injusto com os outros professores e é injusto principalmente com os nossos alunos, porque tudo que acontece conosco afetam eles também. Eu reconheço que por mais que eu me esforce eu jamais conseguirei desenvolver um trabalho de qualidade. Se eu não tivesse que trabalhar em duas escolas, se eu tivesse tempo de estudar e reciclar as idéias e se eu tivesse um salário pelo qual eu pudesse viver com dignidade. Temos que acabar com essa imagem de professor sacerdote. Temos que ser vistos e valorizados como profissionais da educação. Temos que ter condições adequadas para trabalhar. E agora eu lhe pergunto: Eu como professora tenho essas condições? Essa é a minha vida!*



Cena 12 a professora Marta relata se mostrando aparentemente cansada.

Esse sentimento de desvalorização profissional fica claro também na fala da professora Marailza, onde na cena 13 ela diz: *"O mais importante na educação é o professor e o aluno, só que o governo não tem demostrado que reconhece isso. Afinal de contas quanto ganha um professor? Quantas escolas públicas têm psicólogas e assistentes sociais para ajudar o professor e o aluno? Eu cabo assumindo essa função sem nem se quer ter sido preparada para isso".*

Podemos considerar que o processo de construção de identidade é contínuo e progressivo perdurando por toda a vida do sujeito, contudo as vivências destas profissionais, apresentada em seus discursos mostram que em determinados momentos e, principalmente em detrimento das relações contraditórias no campo de trabalho, somada as adversidades de um sistema precário, o "sujeito profissional" deixa de ser uma pessoa com um projeto de vida, com sonhos ou ambições. O professor como qualquer trabalhador quer ter uma profissão digna, respeitada e especialmente bem remunerada. Mas apesar da remuneração ser importante para a sobrevivência, a nossa realização pessoal mostra ter a mesma medida.

Para Gomes e Brito (2006), o que vem sendo exigido dentro de um sistema de massa é a qualidade de ensino, contudo os recursos materiais e humanos são cada vez mais precários, mostrando ser uma contradição quanto a formação que é oferecida e que contribui como agravante para um esgotamento e desenvolvimento de níveis cada vez mais elevados de Estresse Ocupacional e possivelmente da Síndrome de *Burnout.*

Percebemos nas falas das duas professoras citadas acima um sentimento muito forte de injustiça para com elas, com seu trabalho, com seus colegas de trabalho. Para Benevides-Pereira (2002), um fator relevante que torna o indivíduo vulnerável ao *Burnout* é a percepção de inequidade, ou seja, o sentimento de injustiça falta de equidade nas relações laborais como carga de trabalho, salários diferenciados, direitos e deveres negligenciados. A autora cita que o prestígio social que envolve uma profissão tem demostrado ser mais decisivo na manifestação do *Burnout*, do que outros fatores como o salário, por exemplo.

Assim como para a autora acima Maslach e Leiter, (1999) nos diz que a baixa remuneração tem sido apontada em muitos estudos como uma variável importante, apesar de não ser decisiva para o desencadeamento do Estresse Ocupacional e *Burnout*. Sob a ótica social, a desvalorização do trabalho realizado também é outro aspecto a ser considerado.

Muitos professores não estão apenas preocupados com a remuneração que lhes são cabíveis. Eles também mostram preocupação com a qualidade do trabalho que é passado aos seus alunos. Mas devido grande parte desses professores terem que trabalhar em mais de uma escola, acabam não tendo tempo para se atualizar e poder passar conteúdos novos para os alunos, assim como até mesmo tirar um tempo para o lazer, para se divertir.

Em uma pesquisa feita com 11 professores de uma escola estadual da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, mostrou que 8 desses professores trabalham entre 1 a 3 escolas. As professoras e professores mostraram-se descontentes em ter que trabalhar em mais de uma escola. Disseram que seria melhor que permanecessem em uma única escola, pois estariam menos sujeitos a uma série de fatores que são obrigados a enfrentar e se tivessem mais tempo poderiam se dedicar mais a sua prática e por consequência melhorar a qualidade de suas aulas. (GOMES; BRITO, 2006).

Devido aos baixos salários pagos á categoria, os professores possui no mínimo duas matrículas em escolas diferentes, visando uma vida mais digna, quando ainda não desenvolvem outra atividade para complementar a renda.

Segundo Gomes e Brito (2006) os professores podem assumir até duas matrículas de empregos públicos, sejam eles da rede estadual, municipal ou federal. Essas matrículas podem ser, por exemplo, de 16 horas/aula por semana, no caso 12 horas em sala de aula e as outras 4 restantes deveriam ser reservadas para elaboração de aulas e outras tarefas, como correção de provas e exercícios. No entanto esse tempo parece ser insuficiente e muitos professores se vêem obrigados a fazer essas atividades fora da escola, por exemplo, em casa, à noite, finais de semana.

Para Benevides-Pereira (2002) podemos notar uma propensão ao estresse e ao *Burnout*, devido à sobrecarga, pelo pouco tempo para descanso e o lazer, inclusive para atualização profissional, levando á insatisfação e insegurança nas atividades desempenhadas, entre outros.

Todo o contexto de trabalho do professor é muito complexo. Notamos até o momento que são vários os elementos estressores, ou fatores que propiciam níveis de estresse e que podem levar o professor a um esgotamento, ou seja, a síndrome de *Burnout*. Dentre esses elementos estressores podemos citar o transporte. Para alguns professores o fator transporte pode ser muito estressante, pois geralmente esses profissionais acordam cedo, tem que pegar mais de uma condução para chegar até o seu trabalho, muitas vezes a condução demora a chegar e a trajetória é muito longa, o que pode gerar no professor um desgaste tanto físico como mental.

Como exemplo, na cena 14 a professora Marailza diz: *"meu maior prazer é ensinar, mas para isso tenho que enfrentar uma longa jornada até a sala de aula".* E em outra cena a mesma professora fala da precariedade do transporte que tem que utilizar: *"No começo eu tinha muita vergonha do pau de arara. Um dia quando eu ai descer do caminhão eu vi uma amiga passando na rua. Eu fiquei com tanta vergonha que voltei. Mi escondi atrás das pessoas e não desci. Na faculdade eu jamais imaginei que um dia para ser professora eu teria que andar em cima de um pau de arara. Nunca me disseram isso".*



Cena 14 a professora Marailza pegando o pau de arara para ir até a escola dar aula.

Como apresentado na cena 15 em que a professora Marta narra (expressando com forte carga afetiva) um acidente de moto ocorrido ao ir trabalhar e expõe os fatores associados ao cansaço e estresse advindos da sua prática profissional. Ela se senta de frente para a câmera e então narra: *"acordo as 05:00 da manhã para ir pra Capela. Daqui para lá são 80km, quando chega 11:20hs eu tenho que retornar, mais 80km. Eu rodo quase 800km por semana e isso não é pelo salário, porque o salário é muito baixo e além de ser baixo eu tenho muitas despesas para rodar esses 800km, despesas financeiras e também desgastes no corpo, porque são 160km por dia, 80km umas 05:30 da manhã e mais 80km uma 11:20hs quando eu volto".*



Cena 15 Marta narrando sobre uma queda que teve de moto

Ao assistirmos o filme percebemos que dentre as quatro professoras, Marailza é a que se mostra mais exausta, cansada e fadigada, como na imagem 16 a professora Marailza em sua sala de aula em horário noturno tenta explicar um assunto diversas vezes para que seus alunos entendam, assim como em outra imagem a mesma professora tosse algumas vezes e parece incomodada com o pó do giz. E ainda em outra imagem na qual Marailza chega em casa tarde da noite, parece estar exausta, começa a corrigir as atividades dos alunos, mas depois pega no sono e dorme em cima da mesa.



Imagens diversas em que a Professora Marailza se mostra aparentemente cansada, fadigada.

O fato de trabalharem em mais de uma escola se torna mais exaustivo o trabalho do professor, sem contar que existe uma série de variabilidades associadas a esses deslocamentos. Gomes e Brito, (2006), Muitos dos professores moram em bairros muito distantes das escolas, levando cerca de 1:30 minutos a 2 horas para chegar a escola, ou até mesmo mais que isso. Todos esses aspectos acabam por comprometer os intervalos de tempo que o professor deveria utilizar para descanso, refeições, o trabalho dos docentes extrapolam os limites do tempo e do espaço na escola e invade as suas vidas domésticas.

O cansaço físico e mental, além do nervosismo são as respostas emocionais ao estresse e são reações que não só apenas afetam o professor, mas também a qualidade final da educação e está associado aos sentimentos de esgotamento, impaciência e frustração que emergem da experiência individual de contrariedade em exercer seu trabalho.

Para Rocha e Fernandes (2007) as características mais estressantes do trabalho docente são: trabalho repetitivo, intensa concentração em uma mesma tarefa por um longo período, volume excessivo de trabalho, ritmo acelerado, interrupção das tarefas antes de serem concluídas, tempo insuficiente para realização das tarefas, falta de interesse dos colegas de

trabalho, exposição a hostilidades e conflitos com os colegas de trabalho.

Além de todos os elementos que foram citados como sendo estressores, outro fator observado no filme como propício ao desenvolvimento de estresse são as questões ligadas diretamente a instâncias maiores como governo, direção escolar e indiretamente aos professores como a questão das reprovações escolares como na cena 17 que mostra a professora Edielma passando lição na lousa para os alunos copiarem e enquanto faz isso narra: *"Essa é uma turma de 2° ano que eu poderia dividi-la em quatro níveis:*

1° nível são os alunos com problemas que nunca foram a escola, que só sabem cobrir e fazer tracinhos e bolinhas. Nível 2 que são os alunos que desenvolvem as atividades propostas, mas que ainda não sabem ler. 3° nível que são os alunos repetentes e 4° nível que são os alunos que realmente já sabem ler e escrever.

Consequentemente eu tenho muitas dificuldades na elaboração do meu plano de curso, no meu planejamento semanal, porque eu tenho que ter várias atividades, vários tipos de conteúdos e explicações, mas na maioria das vezes é muito complicado, porque quando eu passo uma explicação para uns, uns ficam para trás, fica faltando alguma coisa para aqueles que estão um pouco mais avançados. Eu vejo essa mistura como um reflexo das escolas públicas brasileiras, que no qual os professores tem uma pressão em não reprovar, essa reprovação não vem pela razão e sim pela necessidade que a escola tem em mantê-los na escola para que não percam as determinadas verbas que vem durante o ano. Tem a questão do índice de rendimento da própria escola, por que se o rendimento cai mostra o quê? Que a equipe não está especializada, não está observando, não está acompanhando esses alunos. Então mostra-se a ineficiência da mesma. E não reprovar, sempre passar adiante para que o quadro seja sustentável. Para quem? Para o governo, para direção, para o conselho tutelar e o professor sempre lá atrás".



Cena 17 Edielma dando aula em uma turma de 2° ano e narrando.

A cena 18 mostra a mesma professora dando aula para seus alunos em sala de aula e continuando a falar sobre a aprovação automática, Edielma diz: *"Se a escola só está preocupada com o quadro de aprovação dos alunos, mesmo que eles não saibam de nada, nós temos outro grande problema que é o governo que não investe na educação brasileira, mais ainda é a família que está totalmente fora da escola, sem nos dar apoio realmente fica muito difícil alcançar o que queremos com essas crianças".*

Com certeza esse fator deve ser muito estressante para o professor, pois o mesmo se vê obrigado a desenvolver muitas estratégias, para um número grande de alunos com idades diferentes e níveis de conhecimento também diferentes. Segundo Lipp (2002), o Ministério da Educação e Cultura está empenhado em reduzir o índice de analfabetismo no Brasil, além de elevar a escolaridade dos brasileiros. Mas para tanto, a ordem é não reprovar nenhum aluno. Para isso, os professores fazem um malabarismo enorme para aumentar a nota dos alunos menos capacitados, passando atividades extras, entre outros, o que acaba demandando muito mais tempo do professor.

A autora acima nos diz que, o agravante é que mesmo com as muitas estratégias que o professor desenvolve um número grande de alunos não consegue obter nota suficiente para aprovação, e, no entanto não pode ficar retido. A meta tem que ser cumprida a qualquer custo. Os professores sentem-se pressionados em aprovar esses alunos, que na verdade não estão qualificados suficientemente, o que acaba repercutindo na própria classe de profissionais. Para Lipp (2002), é comum ouvir comentários do tipo "o ensino está fraco", que claramente

responsabilizam os professores, ignorando ou preferindo ignorar que a ordem vem dos superiores.

Moraes (2006) nos diz que as autoridades enaltecem que a repetência e a evasão escolar diminuíram. Como conciliar esse fato com a queda no aproveitamento? Os estudantes não são reprovados porque não há exames. Segundo o autor desde 1998, o Brasil entrou em regime de aprovação automática no ensino fundamental. As séries foram trocadas pelo sistema de ciclos. Em São Paulo, mais de 80% das crianças já vivem o novo sistema. As da 1ª á 4ª séries estão no primeiro ciclo; as da 5ª á 8ª séries estão no segundo.

O regime de aprovação automática é criticado por Moraes (2006) que nos diz que esse regime oculta a repetência, mas não a falta de conhecimentos. As crianças não repetem e não aprendem. Essas crianças despreparadas passam de uma série para outra cria-se um novo problema, pois na nova condição, os professores e as escolas terão de estar muito mais preparados para lidar com crianças despreparadas que passam a ser agrupadas na mesma classe.

O filme retrata um emaranhado de dificuldades enfrentadas por quatro professoras no contexto que compõe o exercício profissional do docente. Agora no próximo tópico apresentaremos a conclusão que chegamos.

CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo identificar através do filme “carregadoras de sonhos” fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência do estresse ocupacional até a Síndrome de *Burnout* nos professores.

O trabalho docente na escola pública é complexo, sabemos que o processo de globalização, as transformações no mundo do trabalho trouxeram mudanças significativas em todos os campos de trabalho. Desta forma, tudo o que nos dava certeza, hoje nos gera insegurança e com o professor não foi diferente. Com todos os avanços que aconteceram, o docente hoje mais do que nunca se vê obrigado a se preparar cada vez mais devido à crescente demanda presente no contexto escolar.

Através do filme, que, aliás, podemos dizer que é um documentário por se tratar de fatos reais, percebemos que são muitas as situações estressantes nas quais os professores estão sujeitos em seu cotidiano de trabalho. Primeiramente, pelo fato de trabalharem para pessoas. Embora qualquer pessoa possa desenvolver estresse ocupacional, estudos mostraram que em se tratando do *Burnout*, este se dará principalmente nos que ajudam, prestam assistência ou são responsáveis pelo desenvolvimento de outros, como no caso os professores.

Aos professores são projetadas muitas responsabilidades. Eles geralmente se sentem como uma espécie de “salvador da pátria”, como se tivessem uma missão a ser cumprida, missão essa que hoje foi estendida para além da sala de aula. O professor hoje se vê responsável por todos os problemas que permeiam o contexto escolar. Além das cobranças advindas da direção da escola, ao professor é atribuída pela família dos alunos toda a responsabilidade pelos fracassos e problemáticas vivenciados por seus filhos no ambiente escolar.

Devido a esse excesso de responsabilidades que é atribuído ao professor, este desenvolve um idealismo a respeito de sua profissão e começa a achar que cabe ao mesmo resolver todos os problemas escolares. O excesso de responsabilidade gera uma sobrecarga de trabalho que juntamente com outros fatores como baixa remuneração, infraestrutura precária, falta de materiais pedagógicos e falta de qualificação profissional podem levá-los a desenvolver estresse ocupacional ou até mesmo *Burnout.*

> Carlotto (2002, P.27) nos aponta que embora tanto o estresse como o *Burnout* no ensino certamente ocorram há muito tempo entre professores, seu reconhecimento como problema sério, com importantes implicações psicossociais, tem sido mais explícito nos últimos 20 ou 30 anos. Ainda para

> autora, *Burnout* não é um fenômeno novo, o que talvez seja novo é o desafio dessa categoria profissional em identificar e declarar o estresse e o *Burnout* sentidos.

Na medida em que entendemos melhor o trabalho do professor, os agentes estressores de sua área, o processo, as etapas e dimensões do estresse ocupacional até a síndrome de *Burnout*, poderemos vislumbrar ações que permitam prevenir, atenuar ou estancar o fenômeno psicossocial que é o *Burnout*.

Apesar do filme carregadoras de sonhos retratar a rotina de trabalho de quatro professoras do estado de Sergipe, ficou claro a partir das leituras feitas em livros, artigos, teses entre outros que essas dificuldades são comuns entre professores de outras regiões brasileiras, que essas problemáticas não estão circunscritas apenas na região mostrada no filme.

Ficou evidente a partir desta pesquisa que trabalhar como docente não é fácil, é uma profissão árdua, que requer muito preparo desses profissionais. No contexto de trabalho dos professores, estão presentes diversos estressores psicossociais, alguns relacionados á natureza de suas funções, outros relacionados ao contexto institucional e social onde estas são exercidas. Esses estressores persistentes podem levar ao estresse ocupacional e a síndrome de *Burnout*.

Deste modo, podemos pensar o porquê desta defasagem de profissionais da educação. O nível de procura para esta área nos últimos anos tem decaído muito. Diversas pessoas acabaram criando aversão pela profissão de docente. A insatisfação e a falta de condições adequadas de trabalho desestimulam os professores, que começam a ver a escola e suas atividades como um fardo pesado que devem carregar todos os dias. O resultado disso é a queda de desempenho profissional, frustração, absenteísmo e consequências físicas e mentais.

Isso se confirma nas palavras de Moraes (2006, pp. 83-84) que nos diz:

> A profissão de professor está em baixa. Os jovens brasileiros não querem mais saber do magistério. E não é para menos. Sua remuneração é ridícula. A média salarial de um professor de nível médio é de R$ 866 por mês, com uma enorme variação de região para região do país, sabendo-se que, no Norte e Nordeste, não chega a R$ 400. Ademais, as condições de trabalho, na maioria das escolas, são massacrantes. Além de longas jornadas de trabalho, o apoio didático é deficiente.

> O problema da falta de docentes é grave. Só na rede pública, há um déficit de 250 mil professores para lecionar na 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries do ensino fundamental. As escolas não conseguem recrutá-los porque os poucos formados procuram outras atividades e não querem saber de ensinar. Eles foram vencidos pela desilusão de educar neste país.

Os objetivos do presente trabalho foram atingidos e a hipótese levantada confirma-se, concluindo que os professores do ensino público estão sujeitos a condições de trabalho que os expõem a cargas que ao longo do tempo podem levar a um desgaste de suas capacidades vitais.

Com base nesta informação, torna-se fundamental a elaboração de projetos de prevenção e intervenção do estresse ocupacional e da síndrome de *Burnout* nos professores tanto em nível de políticas públicas que possibilitem o desenvolvimento de um trabalho docente adequado, que objetive a promoção de saúde destes trabalhadores, quanto em nível de ações conjuntas entre profissionais da saúde, professores, alunos, instituição e sociedade para que esses conjuntamente possam pensar e refletir sobre ações, alternativas que possam minimizar os danos á saúde advindos de tal prática profissional. Pois sabemos que o trabalho do professor é extremamente importante, já que esses são construtores de conhecimento.

Entretanto para que os docentes possam continuar a oferecer um trabalho de qualidade aos alunos, se faz necessário que sejam oferecidas condições de trabalho dignas, e que no ambiente de trabalho sejam criadas discussões sobre educação e promoção de saúde. Mas enfatizando nestas discussões a importância da educação, e para que se tenha uma educação de qualidade tem que se cuidar primeiramente da saúde do professor.

Sendo assim, para concluir enfatizamos que outras pesquisas acerca do tema são necessárias a fim de que os professores, alunos, instituição e sociedade tenham um maior conhecimento sobre essa problemática que é o estresse ocupacional e a síndrome de *Burnout*.

REFERÊNCIAS

ALONSO, M. **O trabalho docente:** teoria e prática. São Paulo: Pioneira, 1999.

BALLONE, G. J. Estresse e Trabalho – In. **PsiqWeb**, 2008. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/site/?area=NO/LerNoticia&idNoticia=67>. Acesso em: 15 jun. 2011.

BARASUOL, E. B. **Burnout e docência:** sofrimento e inclusão. Três de Maio: SETREM, 2005.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Burnout:** quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BITTENCOURT, F. Burnout 30% sofrem o tipo de estresse mais devastador" **ISMA-BR (International Stress Management Association no Brasil)**, 2010. Disponível em: <http://www.ismabrasil.com.br/artigos>. Acesso em: 10 jul. 2011.

BRASIL: DECRETO Nº 6.957, DE 9 DE SETEMBRO DE 2009. Brasília, 9 de setembro de 2009; **188o da Independência e 121o da República.** Disponível em: <http://www2.dataprev.gov.br/fap/Dec6957.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2011.

BZUNECK, J. A. **As crenças de auto-eficácia dos professores.** In: F.F. Sisto, G.de Oliveira, & L. D. T. Fini (Orgs.). Leituras de psicologia para formação de professores. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

CABISTANI, R. M. O. A psicanálise na escuta do sujeito estressado. In: JERUSALINSKY, A. et. al. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo** / APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. P. 255 – 260.

CARLOTTO, M. S. A Síndrome de Burnout e o trabalho docente, In. **Revpsi, Psicologia em estudo**, Maringá. V.7, n.1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2011.

Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coord. Organiz. Mund. da Saúde; trad. Dorgival Caetano – Porto Alegre: Artes Médicas , 2010. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>. Acesso em: 20 abr. 2011.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**: a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação. (coordenador). Petrópolis: Vozes / Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

COSTA, M. **Trabalho docente e profissionalismo.** Porto Alegre: Sulina, 1995.

CHIAVENATO, I. **Recursos Humanos** / Compacta, 6 ed. – São Paulo: Atlas, 2000.

DEJOURS, C. 1949. **A loucura do trabalho:** estudo de psicopatologia do trabalho 5 ed. (Ampliada) – São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

ENGUITA, M. F. **A face oculta da escola:** educação e trabalho no capitalismo**.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente:** a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999.

FERREIRA, A. B. H., 1910-1989: **O minidicionário da língua portuguesa**. [et al.]. 4. ed. (rev. Ampliada) – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

FRANÇA, A. C. L. E; RODRIGUES, A. L. **Stress e trabalho:** guia básico com abordagem psicossomática. São Paulo: Atlas, 1996.

FREUDENBERGER, H. J. **The Staff burnout**. Journal of social Issues, 30. 1074 apud LEITE, N. M. B. **Síndrome de Burnout e Relações Sociais no Trabalho: Um Estudo com Professores da Educação Básica. 2007. 168f.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília –DF, 2007. p. 21.

_____ **The Staff burn-out Syndrome in alternative institutions. Psychotherapy:** theory, research and practice. 12, 73 – 82. 1975 apud BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Burnout:** quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 22.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; e ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. In. **Educação e Pesquisa**, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a03v31n2.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2011.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, L. **Trabalho multifacetado de professores/as: a saúde entre limites.** 2002. 118f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública). Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro - RJ, 2002.

GOMES, L.; e BRITO J. Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde. In. **Revispsi**, 2006. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v6n1/artigos/PDF/v6n1a05.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2011.

GOULART, I.B. (org) **Psicologia organizacional e do trabalho:** teoria, pesquisa e temas correlatos.– São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GUGLIELMI, R. S. & TATROW, K. **Occupational stress, burnout, and health in teachers:** a methodological and theoretical analysis. *Review of Educational Research*, 68, 1, 61-69, 1998 apud CARLOTTO, M. S. A Síndrome de Burnout e o trabalho docente, In. **Revpsi, Psicologia em estudo**, Maringá. V.7, n.1, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2011.

KRENTZ, L. **Magistério:** vocação ou profissão? Educação em Revista, Belo Horizonte, v.3, p. 12 – 16, jun. 1986.

LEITE, N. M. B. **Síndrome de Burnout e Relações Sociais no Trabalho: Um Estudo com Professores da Educação Básica. 2007. 168f.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasília –DF, 2007.

LIPP, M. N. **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002.

_____ **Stress no Trabalho:** Implicações para a pessoa e para empresa. In: NUNES SOBRINHO, F. P.; NASARALLA, I. (Org) Pedagogia Institucional: fatores humanos nas organizações. Rio de Janeiro: ZIT Editora, 2005.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2001.

MARX, K. Le capital: critique de L`economie politique. Paris: Ed. Sociales, livres I, II e III, 8v, 1969 apud MERLO, A. R. C. Transformações no mundo do trabalho e a saúde. In: JERUSALINSKY, A. et. al. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo** / APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 271 – 278.

_____ **O capital**. Rio de janeiro: Ed. Brasileiras 1982.

MASLACH, C. ; JACKSON, S. **The Maslach Burnout Inventory.** Palo alto, Califórnia: Consulting Psychologists Press, 1986 apud BARASUOL, E. B. **Burnout e docência:** sofrimento e inclusão. Três de Maio - RS: SETREM, 2005.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Burnout:** quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.; SILVA, P. S. **A saúde mental do professor**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, Edifieo, 2006.

MASLACH, C.; LEITER. **Trabalho:** Fonte de prazer ou Desgaste? Guia para Vencer o Estresse na Empresa. Campinas: Papirus, 1999.

MERLO, A. R. C. Transformações no mundo do trabalho e a saúde. In: JERUSALINSKY, A. et. al. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo** / APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 271 – 278.

MIZUKAMI, M. G. N. - **Ensino:** As abordagens do processo. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1986.

MORAES, A. E. **Educação, pelo amor de Deus!**. São Paulo: Gente, 2006.

REINHOLD H.H. O Burnout. In: LIPP M. N. (Org). **O stress do professor**. Campinas: Papirus, 2002. p. 63 – 80.

ROCHA, V. M .; FERNANDES, M. H. Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador – In. **J Bras**

Psiquiatr, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v57n1/v57n1a05.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2011.

SAINT-JEAN, M.; THERRIAULT, P. "Trabalho, estudo e produtividade: da confusão à definição"**. Rev. Ter. Ocup.** Univ. São Paulo, v. 18, n. 1, p. 11-16, jan./abr., 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S1415-91042007000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 mai. 2011.

SAVIANI, D. O Trabalho como Princípio Educativo Frente às Novas Tecnologias. In: **Novas Tecnologias, Trabalho e Educação:** um debate multidisciplinar. Org. Ferretti, C. J. et al., Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez 2007.

SEYLE, H. **Stress:** a tensão da vida. 2. Ed. Trad. Frederico Branco. São Paulo: Ibrasa, 1965
.
SILVA, P. S. **A saúde mental do professor**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, Edifieo, 2006.

SINTESE (**Sindicato dos Trabalhadores em Educação Básica da rede Oficial do estado de Sergipe – BR.)** Disponível em: <http://www.sintese.org.br/carregadorasdesonhos/?page_id=166>. Acesso em: 14 abr. 2011.

SEYLE, H. **Stress:** a tensão da vida. 2.ed. trad. Frederico Branco. São Paulo: Ibrasa, 1965 apud SILVA, P. S. **A saúde mental do professor**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, Edifieo, 2006, p.60 – 68.

SOUZA, R. F. de; VALDEMARIN, V. T. **O legado educacional do século XX no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006, p. 109-151.

TEIGER, C. Les empreintes du travail. In: Societé Française de Psychologie, equilibrie ET fatigue par Le travail. Entreprise moderne d`Edition, 1980 apud MERLO, A. R. C. Transformações no mundo do trabalho e a saúde. In: JERUSALINSKY, A. et. al. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo** / APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). – Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 271 – 278.

TRUJILLO, F. A. **Metodologia da ciência.** 3. Ed. Rio de janeiro: Kennedy, 1074 apud MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico:** procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2001.

ZANELLI, J. C. **Estresse nas organizações de trabalho:** compreensão e intervenção baseadas em evidências. Porto Alegre: Artmed, 2010.

658.3.055.4
C965t

Cruz, Vanessa Batista da
O trabalho docente: do estresse ocupacional ao burnout analisadas a partir do filme ”Carregadoras de Sonhos” / Vanessa Batista da Cruz – São Paulo, 2011.
72 p.

Monografia (graduação) - Universidade São Francisco.
Orientação de: Oswaldo Morello Filho.

1. Transformações do mundo do trabalho. 2. Trabalho docente. 3. Condições de trabalho. 4. Estresse ocupacional. 5. Síndrome de Burnout. I. Morello Filho, Oswaldo. II. Título.